

**ALEXSANDRO SILVA MATEUS**

**OS ACADÊMICOS NEGROS DO CURSO DE PEDAGOGIA E  
SUAS IDENTIDADES E DIFERENÇAS: um estudo em uma  
faculdade de Rio Verde/GO**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO  
Campo Grande - MS  
2019**

**ALEXSANDRO SILVA MATEUS**

**OS ACADÊMICOS NEGROS DO CURSO DE PEDAGOGIA E  
SUAS IDENTIDADES E DIFERENÇAS: um estudo em uma  
faculdade de Rio Verde/GO**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado da Universidade Católica Dom Bosco como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Educação.

**Área de Concentração:** Educação

**Orientador (a):** Carlos Magno Naglis Vieira

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO**  
**Campo Grande - MS**  
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Biblioteca da Universidade Católica Dom Bosco - UCDB, Campo Grande, MS, Brasil)

M425a Mateus, Aleksandro Silva

Os acadêmicos negros no curso de pedagogia e suas identidades e diferenças : um estudo em uma faculdade de Rio Verde/GO / Aleksandro Silva Mateus; orientador Carlos Magno Naglis Vieira.-- 2019.

90 f.: il.; 30 cm+ anexos

Dissertação (mestrado em educação) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2019

Inclui bibliografia

1. Negros - Educação. 2. Identidade e diferença. 3. Curso de pedagogia. 4. Professores - Formação. I.Vieira, Carlos Magno Naglis. II. Título.

CDD: 379.260981

**“OS ACADÊMICOS NEGROS DO CURSO DE PEDAGOGIA E SUAS  
IDENTIDADES E DIFERENÇAS: UM ESTUDO EM UMA FACULDADE DE  
RIO VERDE GOIÁS/GO”**

**ALEXSANDRO SILVA MATEUS**

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Carlos Magno Naglis Vieira (PPGE/UCDB) orientador

Carlos Magno Naglis Vieira

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Bartolina Ramalho Catanante (PPGE/UEMS) examinadora externa

Bartolina Ramalho Catanante

Prof. Dr. José Licínio Backes (PPGE/UCDB) examinador interno

José Licínio Backes

Campo Grande - MS, 28 de fevereiro de 2019

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO – UCDB  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO E DOUTORADO

Aos meus pais, Vanda e Osvaldo, pelo exemplo e por tudo que me ensinaram, e por sempre me incentivar a continuar os estudos.

À minha companheira e guerreira Joelma, pela paciência e dedicação, por ter vivido comigo intensamente por dois anos os meus sonhos, meus dramas, as angústias e as noites mal dormidas. Obrigado pela compreensão!

Mil cairão ao teu lado, e dez mil, à tua direita, mas tu não serás atingido. (Salmo 91).

## AGRADECIMENTOS

Dedico esse trabalho primeiramente a Deus, que me concedeu saúde, fé e coragem para prosseguir meus estudos diante das dificuldades com que me deparei no decorrer deste percurso acadêmico.

Aos meus pais Vanda e Osvaldo pela educação, base para minha vida, e pelo apoio aos meus estudos. Aos meus irmãos Wanderson, Sinara, Osvaldo Filho, Alessandra e meus cunhados, pelo apoio e incentivo. Aos meus filhos Andreyza, Eryck Handrew, Kauã e minha neta Heloisa, que compreenderam a minha ausência e me incentivaram em todos os momentos.

À minha companheira de todas as horas Joelma Victor, pelo apoio incondicional, incentivo e preocupação com que sempre acompanhou este meu trabalho. Agradeço ainda a paciência e amor demonstrados nos meus momentos de dificuldades, preocupações e incertezas.

À família Mendonça, que sempre, de forma tão especial, conviveu e convive comigo; essa conquista é de vocês também.

Aos meus grandes amigos Luciana e Márcio, gratidão.

Aos amigos Clésio Feliciano – o seu apoio foi fundamental, Diene Araújo, Denise Scallia e Ana Lucia: jamais haverá palavras por tudo que fizeram por mim. Muito obrigado!

Minha gratidão especial ao Professor Dr. Carlos Magno Naglis Vieira, que aceitou o desafio de orientar-me na pesquisa, com dedicação, carinho e profissionalismo, sendo um exemplo de ética, competência e dedicação. Com seus ensinamentos me mostrou o pensamento crítico e o poder de transformar o conhecimento. Obrigado por acreditar e apostar em mim!

Aos Professores Dra. Adir Casaro, Heitor Queiroz, José Licínio, Celeida Maria, Ruth Pavan, Flavinês Rebolo, Maria Cristina Paniago seus conhecimentos enriqueceram minha caminhada acadêmica.

À Secretaria do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação, na pessoa gentil, simpática e prestativa da secretária Luciana de Azevedo, de coração acolhedor. Obrigado!

Agradeço também à CAPES/PROSUC pela bolsa de estudo. Sem esse auxílio, não conseguiria chegar até aqui.

Aos presentes que o Mestrado me proporcionou: Cledeir, Valdo, Francimar, Simoni, Elizangela, Cassiano, Euriclea, Pedro, Ceiser e uma pessoa que se tornou uma superamiga e irmã, Aurieler, muitas leituras, reflexões e aprendizados, mas acima de tudo uma amizade para a vida.

Agradeço também a todos os alunos que participaram das entrevistas, pela disponibilidade para participar, contribuindo de forma significativa para esta pesquisa.

À Aline Moreira, pelo incentivo e apoio na meu primeiro projeto em busca do tão almejado mestrado, muito obrigado: eu consegui!

Aos amigos que contribuíram e me incentivaram: obrigado! Marcelo Guerra, Roberto Cabral, Everton Borges, Juscelânio, Silmara, Diones Rosario, Liduina, Cris Ribeiro, Ayer, Maximiliano, Ludymila Jaime, família Alecrim, Welmo, Carla, Claudia Simony, Marley, os Maias, Osimar.

São tantas as pessoas a quem devo gratidão nesse momento e, não poderia deixar de agradecer às minhas amigas e professoras Verônica Daniela e Maria Aparecida Loyola, obrigado pelo apoio!

Aos familiares de perto e de longe. Muito obrigado pela compreensão e apoio. Por fim, a todos aqueles que contribuíram, direta ou indiretamente e participaram desta minha trajetória, ainda que aqui não estejam nominados, mas que, com certeza, fazem parte das minhas orações, do meu coração e de meus agradecimentos mais profundos: pela realização desta dissertação, o meu sincero agradecimento.

A todos, meu muito obrigado!

*“Temos o direito de ser iguais sempre que a diferença nos inferioriza, temos o direito de ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza”.*

*Boaventura dos Santos*

MATEUS, Alexsandro Silva **OS ACADÊMICOS NEGROS NO CURSO DE PEDAGOGIA E SUAS IDENTIDADES E DIFERENÇAS**: um estudo em uma faculdade de Rio Verde/GO. Campo Grande, 2019. 89p. Dissertação de Mestrado em Educação – Universidade Católica Dom Bosco/UCDB.

## RESUMO

A dissertação de mestrado está vinculada à Linha de Pesquisa Diversidade Cultural e Educação Indígena e ao Grupo de pesquisa Educação Intercultural e Povos Tradicionais no Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado e Doutorado da Universidade Católica Dom Bosco- UCDB. Situada no campo da Educação, a pesquisa busca identificar problemas e conflitos com que se deparam os acadêmicos negros do curso de Pedagogia de uma faculdade de Rio Verde/GO, e como são posicionadas suas identidades e diferenças. Ainda, nessa direção, o trabalho tem como objetivos específicos: a) Descrever as relações entre os acadêmicos negros e os demais colegas do curso de Pedagogia no espaço da faculdade; b) levantar junto aos acadêmicos negros possíveis ações que o curso de Pedagogia proporciona ou não para contribuir com a produção da identidade negra no espaço da faculdade. A pesquisa, de caráter qualitativo, tem como procedimento metodológico a realização de entrevistas com 12 acadêmicos negros do curso de Pedagogia, no ambiente de uma faculdade de Rio Verde/GO, e tem como inspiração teórica autores como Stuart Hall, Nilma Lino Gomes, Homi K. Bhabha, Tomaz Tadeu da Silva e outros, que auxiliaram para a conclusão desta dissertação. Durante o processo de construção teórica e empírica da pesquisa, pude revisitar minhas memórias com uma nova visão de mundo, tendo a oportunidade de escrever/resumir em poucas palavras minha história de vida, possibilitando ao leitor a conhecer minha trajetória, por meio das minhas memórias e lembranças, inquietações e pensamentos sobre minha identidade e a minha existência, que vem sendo marcada em meu percurso por uma sensação de sobrevivência. Por meio da pesquisa de campo e da análise dos dados, junto aos acadêmicos do curso de Pedagogia, pude identificar que o curso de graduação não possui, em seu currículo, uma disciplina que contemple a discussão e a formação da identidade negra; ainda existe a presença de atitudes que evidenciam preconceitos, discriminação, inferiorização, subalternização, tensões e conflitos no espaço da faculdade frente aos acadêmicos negros, além de um silenciamento sobre suas histórias de vida.

**Palavras-Chave:** Identidade. Diferença. Curso de Pedagogia. Acadêmicos negros

MATEUS, Alexsandro Silva. **The black academics in the course of Pedagogy and its identities and differences: a study at a college in Rio Verde/GO.** Campo Grande, 2018. 89p. Master's Dissertation in Education - Don Bosco Catholic University / UCDB.

### **ABSTRACT**

The master's dissertation is linked to the Cultural Diversity and Indigenous Education Research Line and to the Research Group on Intercultural Education and Traditional Peoples in the Postgraduate Program in Education - Master's and Doctoral Degree at the Dom Bosco Catholic University - UCDB. Situated in the field of Education, the research seeks to problematize how the black academics of the Pedagogy course of a college in Rio Verde - GO position their identities and differences. In addition, in this direction, the work has specific objectives: a) to describe the relationships between black academics and other colleagues at the course of Pedagogy in college; b) to raise with black academics possible actions that the course of Pedagogy provides or not to contribute to the production of black identity in college. The qualitative research has as methodological procedure the interviews with 12 black academics of the course of Pedagogy in the space of a college in Rio Verde / GO and is inspired by theoretical authors such as Stuart Hall, Nilma Lino Gomes, Homi K. Bhabha, Tomaz Tadeu da Silva and others of a theoretical nature, who helped to form this dissertation. During the process of theoretical and empirical construction of the research, I was able to revisit my memories with a new world view, having the opportunity to write / summarize my life story in a few words, situating the reader to know my trajectory, through my memories and memories, worries and thoughts about my identity and my existence, which has been marked during its course by a feeling of survival. Through the field research and the analysis of the data, together with the academics of the Pedagogy course, I was able to identify that the undergraduate course does not have a subject in its curriculum that contemplates the discussion and the formation of the black identity; there is still the presence of actions of prejudice, discrimination, inferiority, subalternization, tensions and conflicts in the space of the faculty against the black academics, besides a silencing on their stories of life.

**KEYWORDS:** Identity. Difference. Course of Pedagogy. Black Academics.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 – Foto do Mapa do Município.....	49
Figura 2 – Foto da Vista Área da Cidade de Rio Verde/GO.....	50

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Acadêmicos Negros do Curso de Pedagogia entrevistados.....	47
---	----

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

AABB - Associação Atlética Banco do Brasil

CPE - Centro de Policiamento Especializado

FAR - Faculdade Almeida Rodrigues

FESURV - Faculdade de Ensino Superior de Rio Verde

GO - Goiás

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

IHA - Índice de Homicídios na Adolescência

JEMAB - Jornada Esportiva Microrregionais da Associação Atlética Banco do Brasil

MEC – Ministério da Educação e Cultura

PPGE - Programa de Pós-Graduação em Educação

SEPLAN - Secretaria de Estado e Planejamento

UCDN - Universidade Católica Dom Bosco

UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro

UFG - Universidade Federal de Goiás

## **LISTA DE ANEXOS**

Anexo 1 – QUESTIONÁRIO.....	86
-----------------------------	----

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	15
COMO TUDO COMEÇOU. Situando o trabalho de pesquisa .....	15
CAPÍTULO I .....	21
O LUGAR TEÓRICO E A HISTÓRIA DE VIDA DE UM PESQUISADOR NEGRO: MARCAS DA COLONIALIDADE .....	21
1.1 Apresentando a minha história e minha cor .....	21
1.2 A entrada no Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado da Universidade Católica Dom Bosco/UCDB e os processos de desconstrução, ressignificação e descoberta .....	36
CAPÍTULO II .....	42
POR ONDE CAMINHEI: Apresentando os procedimentos metodológicos, o campo e os sujeitos negros da pesquisa .....	42
2.1. Apresentando os procedimentos metodológicos que me auxiliaram .....	42
2.2 O Município de Rio Verde de Goiás/GO: um olhar sobre a cidade .....	48
2.3. O cenário de pesquisa: apresentando a Instituição de Ensino Superior e o curso de Pedagogia .....	53
2.4. O acadêmicos negros da pesquisa .....	57
CAPÍTULO III .....	63
OS ACADÊMICOS NEGROS DO CURSO DE PEDAGOGIA E SUAS IDENTIDADES E DIFERENÇAS .....	63
3.1 As identidades negras produzidas pelos acadêmicos de Pedagogia.....	64
3.2. “Eu lembro de um episódio que eu falei para minha mãe que queria me pintar.” As identidades negras e os preconceitos.....	69
3.3. A contribuição do curso de Pedagogia para a produção de identidade negra.....	74
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	79
REFERÊNCIAS .....	82
ANEXO.....	88
QUESTIONÁRIO.....	89

## INTRODUÇÃO

### **COMO TUDO COMEÇOU: Situando o trabalho de pesquisa**

A construção desta proposta de pesquisa surgiu em razão da minha trajetória de vida como estudante da Educação Básica, professor na rede pública de ensino do município de Rio Verde/GO e estudante negro do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado na Universidade Católica Dom Bosco (PPGE-UCDB), no estado de Mato Grosso do Sul, mais precisamente na linha de pesquisa Diversidade Cultural e Educação Indígena.

O trabalho se desenvolve na tentativa da construção de um processo que reflete as dificuldades das relações étnico-raciais dentro e fora do cotidiano de uma faculdade, verificando-se, assim, como os acadêmicos negros do curso de Pedagogia de uma faculdade de Rio Verde/GO se posicionam e são posicionados quanto às questões que envolvem suas identidades e diferenças.

As leituras realizadas no Programa de Pós-Graduação em Educação (livros, artigos, teses e dissertações), amparadas pela teoria dos estudos culturais e estudos pós-coloniais, provocaram muitas inquietações, perturbações e deslocamentos, e contribuíram para uma liquidez identitária.

As identidades estão num permanente processo de mudança e transformação. Nesse sentido, a questão não é perguntar ‘quem nós somos, ou de onde viemos’, mas perguntar o que nós podemos nos tornar, ‘como somos representados’ e como os outros são representados (BACKES, 2006, p.9).

Com essas situações que foram surgindo e sendo vivenciadas, recordo que comecei a ficar muito preocupado por trazer comigo conceitos e concepções construídas desde meu tempo de infância, as quais levei para minha vida profissional como docente. Concepções construídas por muitas certezas, verdades e dominadas pelo pensamento iluminista. De acordo com Veiga Neto (2007):

O programa iluminista funda-se, assim, na ideia de que à razão é atribuída a função de iluminar o Homem, para libertá-lo das trevas, das superstições opressoras, dos mitos enganosos etc. O Iluminismo alimentou a esperança de haver uma perspectiva, a partir da qual se explique o mundo e chegue a Verdade ou numa sua versão probalística, muito perto dessa verdade (p. 28).

Assim, nessas idas e vindas, passei por vários percursos de desconstrução, ressignificação e construção, por meio dos quais pude fazer uma reflexão como professor formador. Reflexão no sentido de compreender criticamente elementos do passado e do presente. Elementos e histórias que foram silenciadas, marcadas pelo colonialismo e que agora se abrem para novas leituras, caminhos e perspectivas (WALSH, 2010).

Com esses novos caminhos se expandindo durante o primeiro ano de mestrado no Programa de Educação da Universidade Católica Dom Bosco, pude realizar outras leituras que me auxiliaram a “ver” com novos olhares e, com isso, compreender outras questões do movimento negro, discussões no cenário político, bem como no contexto educacional da promoção da igualdade racial, do enfrentamento ao preconceito e da discriminação racial, presentes nas práticas pedagógicas e no cotidiano escolar do estudante negro.

Pretende-se, com esta pesquisa, levantar junto aos acadêmicos negros possíveis ações que o curso de Pedagogia proporciona ou não, para contribuir com a construção de identidade negra no espaço da faculdade. Existe, na vida contemporânea, uma diversidade de posições sociais em conformidade com as identidades construídas.

Compreendo, por intermédio das leituras teóricas, que não somos sujeitos rígidos, sólidos, fixos em uma única identidade, mas sim sujeitos em constante processo de construção de formação, fazendo uso de diferentes identidades nos espaços que ocupamos; sendo assim, nos tornamos aquilo que o meio nos permite/impõe, ou aquilo que podemos representar como resistência, mediante nossas diferentes identidades e concepções de mundo.

Hall (2000) nos apresenta que o conceito de identidade sempre traz um desconforto, pois o mesmo é perturbador, provisório e permanentemente inacabado. Isso acaba ocorrendo porque as identidades:

[...] são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações práticas discursivas, por estratégias e iniciativas específicas (p. 109).

Dentro da complexidade da vida assumimos inúmeras identidades, mas é preciso entender que essas diferentes identidades passam por processos de conflitos e crises. Identidade e diferença estão estreitamente ligadas ao sistema de significação, ou seja, não podem ser compreendidas fora dele. É no sistema que adquirem sentido. Segundo Silva

(2000), as identidades “não são seres da natureza, mas da cultura e dos sistemas simbólicos que as compõem” (p. 78).

Compreende-se que as identidades e as diferenças não possuem significados transcendentais e absolutos; ao contrário, são inventadas, deslocadas, produzidas pelas práticas de significação ao longo do processo histórico, pois elas se constituem na e através da cultura. Porém, essa forma de compreensão das identidades e das diferenças tem sido uma crítica da contemporaneidade à forma como esses conceitos começaram a ser compreendidos a partir da Modernidade (TOLEDO, 2008, p. 21).

Sobre as culturas negras, a própria universidade, que deveria valorizar a identidade afro-brasileira, muitas vezes acaba por expor preconceitos/ estereótipos e rótulos negativos aos sujeitos com os quais trabalha. Infelizmente, no Brasil, a cultura negra é vista como algo de pouco valor, tornando-se assunto inferiorizado e deixado de lado. As crenças, costumes, hábitos e as características físicas negras acabam sendo vulgarizadas, reforçando preconceitos e discriminações tanto dentro do universo educacional quanto fora de seus portões, o que é real e lamentável.

Perante a vasta diversidade cultural brasileira e a presença de uma variedade de culturas afrodescendentes, com o olhar voltado à identidade social e cultural dos sujeitos, os docentes se deparam com um grande desafio, que é o de tentar fazer do universo escolar um espaço multicultural, que valorize os cotidianos, no qual as experiências pessoais e culturais dos educandos sejam compreendidas, valorizadas e respeitadas, sendo que a participação de todos os envolvidos nas instituições de ensino é de suma importância para as relações sociais e étnico-raciais.

Os docentes têm por desafio a busca de novas configurações, novas práticas pedagógicas e novos posicionamentos dos professores, para abrir-se aos saberes dos estudantes, do cotidiano escolar e da comunidade local.

Eles têm por desafio a desconstrução do preconceito, da discriminação, da inferiorização e da subalternização dos grupos historicamente marginalizados em nossa sociedade.

Procuo evidenciar esses desafios por meio da pesquisa de campo junto aos acadêmicos do curso de Pedagogia de uma Universidade privada da cidade de Rio Verde/GO, mais especificamente durante as entrevistas realizadas com 12 acadêmicos negros. Nelas foi possível identificar, por meio das narrativas, ações de preconceito e discriminação no espaço da faculdade e em diferentes locais sociais frente à pessoa negra.

Deste modo, é possível compreender a exposição de diferentes culturas, mostrando que se pode partir dessas inserções e gerar a aquisição de experiências grandiosas, bem como de algumas técnicas específicas que possibilitam um olhar mais complexo sobre a convivência entre os educandos e sua relação com a diversidade na educação; oferta-se, assim, a possibilidade de os alunos se interessarem por conteúdos voltados a atividades do multiculturalismo, diversidade cultural, mediante o processo de ensino-aprendizagem e, por conseguinte, levando-os a buscar uma significativa transformação positiva da sociedade.

Diante dessas questões, situadas no campo da Educação, a pesquisa de mestrado, vinculada à Linha de Pesquisa Diversidade Cultural e Educação Indígena e ao Grupo de pesquisa Educação Intercultural e Povos Tradicionais no Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado e Doutorado da Universidade Católica Dom Bosco-UCDB, busca problematizar como os acadêmicos negros do curso de Pedagogia de uma faculdade de Rio Verde/GO posicionam suas identidades e diferenças.

Ainda, nessa direção, o trabalho tem como objetivos específicos:

- a) Descrever os preconceitos e as discriminações vividas pelos acadêmicos negros do curso de Pedagogia nos mais diferentes espaços sociais;
- b) Levantar, entre os acadêmicos negros, as ações que o curso de Pedagogia proporciona (ou não) como forma de contribuir com a produção da identidade negra no espaço da faculdade.

Conforme já mencionado, além das entrevistas que nos ajudaram na produção dos dados da pesquisa, muitos autores serviram de referência para este trabalho, contribuindo para uma melhor compreensão do campo e dos sujeitos envolvidos. Dessa forma, entre outros, destacam-se os trabalhos de Stuart Hall, Kabengele Munanga, Nilma Lino Gomes, Homi K. Bhabha, Tomaz Tadeu da Silva, Catherine Walsh, Vera Maria Candau e outros desse mesmo campo teórico.

Para esses autores, não há educação sem cultura, bem como não há cultura sem educação, visto que educação e cultura devem contemplar todo processo didático, pedagógico e educativo, pois são eixos que precisam caminhar lado a lado.

É notório que a busca por espaço dentro da academia tem lutas, comemorações de conquistas, e há também derrotas, que podem estar entrelaçadas por ações afirmativas que, ao longo da história, mostram a segregação e a inferiorização de um coletivo racial, étnico, de uma classe social subalternizada e, comumente, menos assistida pelo poder governamental.

Ignorar as questões étnico-raciais poderia ser uma forma simples de fechar os olhos para o que acontece no interior da faculdade, como ocorrera em meu processo de graduação.

Pensava que sabia tudo sobre os conceitos étnico-raciais, “fazendo de conta” que o preconceito não estava acontecendo comigo ou para quem estava ao meu redor. Entretanto, no momento em que ingressei no Programa de Pós-Graduação, com ajuda das leituras feitas e/ou por intervenções durante as aulas e nos grupos de estudos, passei a viver várias desconstruções e construções que vêm, dia a dia, instigar-me a buscar e alcançar novos objetivos, ainda que sejam sonhos isolados.

Diante de tantas desconstruções e construções que foram acontecendo durante o percurso de meu mestrado, pude constatar não estar sozinho em meus anseios, preocupações e angústias.

Este estudo, respaldado em paradigmas pessoais e teóricos, se expõe da seguinte forma: foi dividido em três capítulos, a partir das leituras que lhe deram a sustentação inicial e das que foram surgindo no decorrer da trajetória da pesquisa.

No primeiro capítulo, escrevo a minha história de vida, de meus primeiros anos escolares até a entrada no Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado da Universidade Católica Dom Bosco/UCDB. Nessa tentativa de registrar a história que vivenciei, por meio de minhas memórias, apresento as marcas da colonialidade, as verdades construídas e as certezas que sempre estiveram presentes. Ainda, nessa seção, apresento as mudanças, as transformações, os deslocamentos e as ressignificações que ocorreram com as leituras realizadas durante o Mestrado.

No segundo capítulo, intitulado “De onde falei e por onde caminhei”, apresento o campo de investigação, os sujeitos e procedimentos metodológicos, buscando descrever, analisar e refletir sobre os sujeitos que me auxiliaram na pesquisa, dentro do município de Rio Verde, por intermédio da sua negritude, mostrando um pouco do cenário de pesquisa por meio de uma Instituição de Ensino Superior.

No terceiro capítulo, destaco o que dizem e silenciam os acadêmicos negros do curso de Pedagogia sobre suas identidades e diferenças; são analisadas as informações obtidas no trabalho de campo, por meio das entrevistas, contextualizando o local selecionado para a pesquisa.

Procurei desenvolver o trabalho de pesquisa de modo que fosse possível mostrar a identidade e também as manifestações negras no espaço da universidade, que é um lugar multicultural.

O foco norteador é o campo acadêmico, requerendo assim uma simbólica renovação de ideias e atitudes que, por meio de atividades/exercícios diários, busquem dar maior atenção a um ensino que oportunize a interculturalidade, para que a educação possa deixar de ser um

fator de exclusão para ser um fator de ressignificação e desconstrução. Nesse texto, a interculturalidade é entendida como uma

[..] ferramenta pedagógica que questiona continuamente a racialização, subalternização, inferiorização e seus padrões de poder, viabiliza maneiras diferentes de ser, viver e saber e busca o desenvolvimento e criação de compreensões e condições que não só articulam e fazem dialogar as diferenças num marco de legitimidade, dignidade, igualdade, equidade e respeito, mas que – ao mesmo tempo – aceitam a criação de modos ‘outros’ – de pensar, ser, estar, aprender, ensinar, sonhar e viver que cruzam fronteiras (WALSH, 2009, p.25).

A interculturalidade, enquanto ferramenta pedagógica, vai tensionar e pressionar o modelo escolar, trazendo para a discussão diferentes grupos, línguas e culturas.

## **CAPÍTULO I**

### **O LUGAR TEÓRICO E A HISTÓRIA DE VIDA DE UM PESQUISADOR NEGRO: MARCAS DA COLONIALIDADE**

Tendo em vista a relevância deste estudo, escrevo e apresento neste capítulo da dissertação a minha história de vida. História marcada por intenso preconceito, discriminação, inferiorização e uma forte relação de poder. Uma história vivida com muita tensão, conflito e luta diária, principalmente no espaço escolar, para manter a minha identidade negra, a minha cor e a minha pele.

Ainda nesta seção, procuro apresentar ao leitor os teóricos que me levaram por um caminho reflexivo para pensar nas minhas diferentes identidades e nas novas percepções do mundo que me cerca e ao qual eu pertença, como professor, como aluno, como pai, como filho, ou seja, um ser transpassado por múltiplas identidades.

#### **1.1. Apresentando a minha história e minha cor**

Sou Aleksandro Silva Mateus, negro, professor de Educação Física, pai, avô, filho, educador, estudante de mestrado, mas acima de tudo brasileiro. Busquei enfatizar minha nacionalidade porque a luta do negro, como de qualquer outro grupo presente na fronteira da exclusão, ainda é tímida, caminha a pequenos passos. Porém, as adversidades impostas por uma cultura elitizada e composta em sua maioria por pessoas brancas, ou seja, milhares de olhares carregados de preconceito e estereótipos vinculados a espaços sociais, não conseguiram, em nenhum momento da minha vida, me fazer desistir dos meus objetivos, sonhos e ideais, os quais são, para mim, como uma bandeira que dia após dia continua em pé, independente de qual lado o vento sopra.

Tenho aqui a oportunidade de escrever/resumir em poucas palavras minha história de vida, procurando situar o leitor na minha trajetória, por meio das minhas memórias e

lembranças, inquietações e pensamentos sobre minha identidade e a minha existência, marcada por uma sensação de sobrevivência.

A identidade, mencionada no parágrafo anterior, é entendida neste texto de dissertação como sendo:

O ponto de encontro, o ponto de *sutura*, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos ‘interpelar’, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividade, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode falar (HALL, 2000, p. 111-112).

Filho de pais negros, nasci em uma família plural: minha mãe, filha de negra com pai branco, descendente de italiano, com avó indígena, em outras palavras, sou de uma família típica brasileira, oriunda de muitas cores, identidades e sotaques. A minha história, ainda muito viva em minha memória, se assemelha àquela narrada, marcada e ainda muito presente nos manuais didáticos com ilustrações da princesa Isabel e dos negros, acorrentados, maltratados em senzalas, sendo chicoteados nos troncos e, depois de tanto ser açoitados, são colocados em uma composição de salmoura para se restabelecer e voltar ao campo de trabalho. Uma classificação que aponta “um conjunto de relações de poder que hierarquizam os lugares e suas gentes, classificando-os de acordo com um suposto grau de evolução e desenvolvimento societário” (PORTO; GONÇALVES; QUENTAL, 2012, p. 07).

Mesmo diante de todos os elementos presentes nesses materiais, é importante registrar que:

Já ocorreram algumas mudanças na abordagem sobre o negro nos livros didáticos, particularmente a partir de meados dos anos 1980, decorrente, em certa medida, da atuação do movimento negro. Uma das mudanças se refere a menção da resistência negra contra a escravidão, principalmente através dos quilombos, com destaque para o Quilombo de Palmares (VALENTIM; PINHO; GOMES, 2012, p.49)

Sou filho de Rio Verde/GO, conhecida como a cidade das abóboras, município do interior do estado de Goiás, hoje com cerca de 220.000.00 habitantes. O município é um lugar rico em grandes culturas de grãos como: soja, milho e arroz. A criação de gado também é destaque na terceira maior economia de mercado do estado.

De família humilde, pai, mãe e quatro irmãos, hoje com três filhos e uma netinha, aprendi, desde cedo, a conviver com dificuldades e vitórias. Meu pai é analfabeto, mal sabe escrever seu nome, minha mãe cursou apenas a terceira série da primeira fase do Ensino Fundamental, porém ambos nunca mediram esforços para que todos os filhos frequentassem a

escola. Lembro-me do meu primeiro dia de escola, em Rio Verde/GO, com sete anos, menino franzino, cabelo grande, a sala de aula era uma surpresa para mim e os demais colegas. A entrada com sete anos foi porque, naquele período, não havia pré-escola nas unidades escolares, e o governo da época entendia que a educação dos filhos era de responsabilidade da mãe.

Nesse período de infância não tinha ideia do que era problema étnico-racial.<sup>1</sup> “Neguinho, macaco, asfalto, miolo de lápis, miolo de pilha, semente de bucha” e vários outros substantivos adjetivados já estavam presentes no ambiente escolar. Esses nomes, entendidos no contexto como “apelidos”, foram-me dados nos primeiros dias de minha formação primária.

[...] esse processo de discriminação racial vivida cotidianamente pelos alunos negros na sala de aula influencia e impede diretamente a construção de uma identidade racial positiva, (...) se essas crianças são olhadas, faladas e representadas por estereótipos negativos em função de serem negras (...) torna-se difícil e complexa a formação dessas crianças no que diz respeito à consciência racial. (MIZAEL; GONÇALVES, 2015, p. 16).

Sofrendo desde pequeno com as marcas da colonialidade, da cultura hegemônica e do pensamento moderno, entendo hoje que eu era o outro que não havia sido pensado e idealizado pelos sujeitos para manterem uma determinada ordem e norma (BAUMAN, 1998).

Recordando esse passado dolorido, lembro-me de ter contado a minha indignação e as situações vividas por meus pais, os quais ensinaram a todos os filhos que a melhor arma para revidar ofensas, sejam elas quais forem, seria sempre o diálogo, e essa orientação foi seguida por todos da família. Passamos a questionar o que é nosso por direito; os anos foram passando, entretanto os apelidos não se findaram. Segundo Mizaél e Gonçalves (2015, p. 11) a adjetivação pejorativa utilizada nos apelidos “contribui para a afirmação e reprodução depreciativa da imagem negra, colocando-a enquanto algo considerado feio e negativo”.

Ao chegar ao ensino fundamental, uma nova realidade: ao invés de um só professor, passei a ter seis e, em alguns momentos, sete professores. Cada disciplina era ministrada por um professor, havia colegas novos vindo de várias localidades da região e cidades vizinhas. Lembro como se fosse hoje, estava precisando de nota para ser aprovado em um ano escolar,

---

<sup>1</sup> Toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada. ANDREUCCI, Ricardo Antônio. **Preconceito, Discriminação e Intolerância no Brasil**. 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/preconceito-discriminacao-e-intolerancia-no-brasil>. Acesso em 10 de dezembro de 2018.

em algumas disciplinas. Recebi o convite para desfilar, como escravo, já que era negro. Com essa participação obteria pontos que me ajudariam a concluir aquele ano. Minha participação configurava o preconceito e a insistência em estigmas que sustentavam o pensamento da sociedade e, conseqüentemente, da escola ao ressaltar os estereótipos raciais.

Assim, trajando calça branca curta, sem camiseta, calçando chinelo e acorrentado nas mãos, desfilei com colegas brancos (que se pintaram de preto), com o objetivo de obter pontos para a aprovação. Ao acabar o desfile, fui tomado por uma indignação, não por desfilar como escravo, por ter descido a avenida reafirmando aquele estereótipo, numa clara demonstração de assimetria racial, mas por ter me submetido a “pontos”. A obtenção de notas despendia esforço e dedicação estritamente meus.

Como ocorrera nos anos anteriores, os alunos negros eram, na maioria das vezes, excluídos e marginalizados das atividades que aconteciam no ambiente educacional, tanto por colegas quanto por professores, muitas vezes considerando os negros incapazes e inferiores para desenvolver determinadas atividades, pois o processo histórico colonizador e dominante consubstanciava a desigualdade no âmbito educacional, postergando-se a construção das identidades negras e o rompimento da sociedade excludente advinda desse processo histórico.

De acordo com Quijano (2005), a “raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade. Em outras palavras, no modo básico de classificação social universal da população mundial” (p.108).

Gomes (2012) escreve que:

Essa imersão histórica, política e sociológica trazida por Quijano e pelos estudos pós-coloniais, com enfoque nas Américas, contribui para o adensamento teórico da análise sobre a construção social da ideia de raça, no Brasil. Geralmente, nos fixamos na leitura do contexto da Europa ocidental, na migração conceitual das ciências naturais para as ciências sociais e na configuração das teorias raciais. O autor revela uma dimensão mais profunda da invenção da raça, trazendo-nos para o contexto latino-americano e problematizando que, antes mesmo de se consolidar como um conceito da ciência, ela foi sendo formulada como uma ideia, uma representação social e, portanto, uma forma de classificação social imbricada nas estratégias de poder colonial. Esta noção foi se tornando, paulatinamente, um instrumento de poder econômico, político, cultural, epistemológico e até pedagógico (p.730).

Com base nos estudos de Valentim; Pinho; Gomes (2012, p. 54) “é possível observar que as relações interpessoais nas escolas são realizadas através de práticas estereotipadas, preconceituosas e discriminatória direcionadas aos negros”. Frequentemente acontece o silenciamento, ou a desconsideração e o desprezo dessas situações, que muitas vezes são

encobertas pelos discursos da igualdade abstrata, mas se configuram como desigualdade entre negros e brancos.

No rastro dessa discussão, considerando o âmbito escolar, o negro convive com brincadeiras ofensivas com relação à sua tonalidade de pele, à estética e aos penteados afro. Por conta dessa forte presença de inferiorização e subalternização, muitos se retraem e silenciam. Segundo Gomes (2002);

Essa exclusão concretiza-se de maneiras diversas: por meio da forma como alunos e alunas negros são tratados; pela ausência ou pela presença superficial da discussão da questão racial no interior da escola; pela não-existência dessa discussão nos cursos e centros de formação de professores/as; pela baixa expectativa dos professores/as em relação a esse aluno/a; pela desconsideração de que o tempo de trabalho já faz parte da vida do aluno/a negro/a e pobre; pela exigência de ritmos médios de aprendizagem, que elegem um padrão ideal de aluno a ser seguido por todos a partir de critérios ditados pela classe média branca, pelo mercado e pelo vestibular, sem considerar a produção individual do aluno e da aluna negra, assim como de alunos de outros segmentos étnicos/raciais (p.41)

A exclusão de alunos negros no espaço escolar pode ser justificada por conta da ausência de ações que retratam as identidades negras e não negras sem promover hierarquização. Nesse sentido, Gomes (2002) ressalta que:

A escola, como instituição responsável pela socialização do saber e do conhecimento historicamente acumulado pela humanidade, possui um papel importante na construção de representações positivas sobre o negro e demais grupos que vivem uma história de exclusão. (p.46)

Já no ensino médio, conciliei estudo e trabalho. Fui inserido no mercado de trabalho, porque era preciso ajudar no custeio das despesas domésticas. Quando em busca de emprego, as funções ofertadas eram as relacionadas a serviços braçais, como servente de pedreiro, pintor de diversos segmentos, ajudante de jardineiro, pintor de túmulo de cemitério local, catador de papel, carregador de carrinho na feira livre, entregador de santinho de políticos e uma variedade de serviços braçais e de esforço físico.

Hoje, ao recordar essa realidade de encontrar apenas oportunidades para serviços braçais, percebo que a relação de poder está historicamente implícita nas relações sociais do jovem negro. Quijano (2005) afirma que:

Na medida em que as relações sociais que se estavam configurando eram relações de dominação, tais identidades foram associadas às hierarquias, lugares e papéis sociais correspondentes, com constitutivas delas, e, conseqüentemente, ao padrão de dominação que se impunha. Em outras palavras, raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população. (p. 107)

Meus pais eram determinantes em afirmar, cotidianamente, que o estudo teria influência direta em nosso desenvolvimento profissional, bem como na ascensão social. Fomos educados desde cedo, em nossa família, para entender mais sobre a dificuldade do negro no contexto de uma sociedade excludente e detentora do poder monetário, que, hierarquizada, sufoca. Isso implicava viver cerceado por muitas formas de preconceito e suspeição de ordem racial.

Revivendo essa história, estabeleço um diálogo entre o presente e passado e lembro-me de que a obtenção do ensino médio em nada mudou, no que diz aos aspectos sociais. Apenas conseguimos nos defender sozinhos, uns agem com diplomacia e outros com os “próprios punhos”. A escolha é de cada um, de como agir. Todavia, sempre optei pela ética, o bom senso e a razão, valores advindos de minha base familiar. Procurei nunca quebrar as regras do espaço escolar, seja agredindo, xingando ou batendo em algum colega de sala.

Dentro do contexto educacional, tudo o que nos era transmitido mostrava o negro com as marcas da colonialidade e da cultura hegemônica. Uma imagem influenciada e controlada por um “padrão de controle, hierarquização e classificação da população mundial que afeta todas as dimensões da existência social” (PORTO GONÇALVES E QUENTAL, 2012, p.07).

Retornando às minhas memórias, recordo que quase tudo o que eu falava, explicava ou escrevia era visto como inferior, marginalizado e estereotipado. Parecia que meus pensamentos haviam surgido antes “do desenvolvimento histórico da humanidade” (LANDER, 2005, p. 13). Hoje consigo reconhecer esse processo como colonialidade do saber, pois percebi existirem vários aspectos que impedem o negro de seguir na vida educacional e que podem ser fatores: financeiros, sociais, ou construído pela colonialidade.

Construir identidades negras nesse contexto que exclui, discrimina, inferioriza, estigmatiza o negro constantemente, não é fácil. É evidente que o olhar influenciado, construído pela colonialidade em relação à identidade negra, ainda está presente nas práticas pedagógicas, nos livros e materiais didáticos, que apresentam os negros, na maioria das vezes, como escravos, como se não tivessem uma história antes de serem escravizados.

A ênfase num passado de escravidão induz à naturalização de posturas e posicionamentos sobre a capacidade intelectual, a beleza e o padrão social, além de outras marcas produzidas pela colonialidade, “pois uma das expressões mais claras dessas relações de poder acontece com a persistência da colonização epistêmica, da reprodução de estereótipos e formas de discriminação” (GOMES, 2010, p. 71).

Algumas marcas carrego como sujeito, porém a mim não bastou concluir o ensino médio; a busca por algo a mais sempre esteve presente em minha mente.

A oportunidade de prestar vestibular na Faculdade de Ensino Superior de Rio Verde-FESURV, para o curso de graduação em Administração surgiu por influência de colegas e parentes. No processo seletivo do vestibular não alcancei a nota necessária, porém fui chamado na segunda opção na qual havia sido aprovado: o curso de Letras Modernas e Inglês. Na época não foi fácil fazer a matrícula, pois ganhava muito pouco como gerente de uma pequena papelaria; contudo, ser aprovado no vestibular era algo fora do natural para uma família simples que, no máximo, sabia escrever seus próprios nomes. Felizes pela conquista e oportunidade de acesso ao Ensino Superior, meus familiares se reuniram e cada um contribuiu com o que podia; dessa forma, consegui realizar a matrícula.

Hoje, escrevendo sobre esse passado e revivendo as minhas memórias, recordo a felicidade daquele dia e, ao mesmo tempo, a ansiedade para entrar em sala de aula e realizar o sonho.

Os primeiros dias foram inesquecíveis, com trotes aos calouros. Estudei na sala número 48, no bloco C, segundo andar, com trinta e cinco acadêmicos, sendo dois de sexo masculino. Lembro como se fosse hoje o primeiro dia de aula. Os veteranos aplicando o primeiro trote aos calouros. A brincadeira consistia em jogar água no corredor e perguntar quem sabia nadar. As meninas entraram em desespero e começaram a gritar e a chorar; foi quando eu fiz a proposta de eu e mais um colega nadar dentro da sala de aula, e foi o que houve, nadamos e brincamos muito como se fôssemos crianças.

Apesar da diversão no início do semestre, houve dias de tristeza, alguns conflitos e lutas. Recordo de como era difícil nos dias de chuva, pois era necessário ir para o ponto de ônibus esperar o demorado transporte e com isso, além de me molhar, passava um pouco de frio. Mesmo enfrentando essas dificuldades, consegui finalizar o semestre.

Ao voltar de férias, no segundo semestre, uma professora solicitou como trabalho que encapássemos uma caixa de camisa; isso foi a gota d'água para eu pôr um fim ao curso de Letras. As perguntas diárias eram: para que um homem fazer isso? O que meus amigos irão pensar de mim? E a família que tanto me ajudou a ingressar na faculdade o que irá falar? Nesse período, o machismo falava alto dentro do universo masculino; foi diante disso que desisti do curso de Letras, porém não era aquilo que meu coração queria no momento.

Recordando esse fato da caixa de camisa no curso de Letras, entendo as palavras de Woodward (2000), quando menciona que “a construção da identidade é tanto simbólica

quanto social. A luta para afirmar as diferentes identidades tem causas e consequências materiais [...]” (p.10).

Decidi ir em busca do curso de Educação Física. Não havia em minha cidade, apenas na capital, que fica a 225 km dali, sem falar que o curso era na Universidade Federal de Goiás. Nessa época, ingressar em curso superior numa Universidade Federal significava uma grande vitória, pois não havia cotas e nenhuma sensibilidade para estudantes negros, indígenas e de escola pública.

A minha primeira experiência em vestibular/provas de órgão federal foi no processo seletivo para as universidades federais nos municípios de Goiânia e Uberlândia, mas o resultado não foi satisfatório devido ao meu despreparo, à minha falta de experiência e à minha formação, que tinha muitas lacunas.

Procurei um cursinho preparatório para o vestibular, porém o alto valor me impedia de cursá-lo. Consegui fazê-lo por meio de uma bolsa de estudos. A obtenção da bolsa ocorreu porque houve, na cidade, a competição dos jogos abertos no estado de Goiás, e o professor de Educação Física (do colégio onde havia procurado pelo cursinho) me convidou para participar de sua equipe. A competição tomou uma proporção tão grande na divulgação do nome da entidade que fui contemplado com bolsa de estudo do cursinho pré-vestibular, frequentado, à época, apenas por pessoas com bom poder financeiro, filhos de médicos, autoridades políticas, por exemplo.

Essa situação me fez recordar da leitura da pesquisa de Backes (2006) quando menciona que:

[...] os únicos alunos que se auto-identificaram como negros são os que estão no colégio por causa do esporte e dependem de bolsa para frequentarem aquele espaço, percebo que, nesse contexto, há uma articulação entre questão econômica e raça que não necessariamente se reproduz em outros contextos. Trata-se de um processo específico (pertencer à escola via esporte) e de uma condição particular de emergência (ser considerado muito bom no esporte), que articulados com outros discursos, vão produzindo uma determinada identidade negra naquele espaço escolar, fortemente vinculada e conectada à questão econômica, além de outras posições culturais, como a que vincula a identidade negra à aptidão física (p. 54-55).

Iniciei o curso; o único negro e pobre da turma era eu. Não foi fácil, tive muitas dificuldades de aprendizado. Trabalhava o dia todo e à noite fazia o cursinho, focado em um propósito que era ingressar na Universidade Federal de Goiás/UFG. Foi uma luta árdua de dois anos, até que, na cidade de Jataí/GO, a cerca de 90 km da cidade, foram implantados alguns cursos, entre os quais estava o curso de Educação Física/Licenciatura.

No primeiro processo seletivo, passei na primeira fase e fui reprovado na outra fase, por não alcançar a média. Esperei seis meses e tentei novamente; e, para minha surpresa, fui aprovado no tão sonhado Curso de Educação Física. Não me contive; chorei muito, porque somente eu sabia o quanto fora difícil alcançar aprovação. Muitos ficaram me perguntando o que estava acontecendo por eu tanto chorar. Depois de comemorar a alegria de ter alcançado a aprovação, veio a preocupação de imaginar o que viria pela frente.

Nessa fase, veio o momento dos exames físicos necessários para a aprovação. Esses exames foram pagos pela escola que tinha realizado o cursinho preparatório para o vestibular. A instituição aproveitou e tirou muitas fotos e divulgou em jornais locais, como panfleto pela escola. A conquista causou burburinhos para muitos, devido à minha negritude, pois muitos não viam a minha capacidade de cursar a graduação em Educação Física na UFG/Campus Jataí.

Nessa direção, Fleuri (2012) nos mostra que essa situação vivenciada por mim pode ser entendida como colonialidade do ser. Segundo o autor, esse modelo:

[...] é que se exerce por meio da subalternização e desumanização dos sujeitos colonizados, à medida que o valor humano e as faculdades cognitivas dessas pessoas são desacreditados pela sua cor e pelas suas raízes ancestrais (p. 10).

Com a aprovação no vestibular vieram muitas incógnitas: O que fazer com uma namorada grávida? Como iria fazer para estudar, tendo em vista que o curso iria ocorrer na cidade de Jataí/GO? Muitas escolhas difíceis, mas com a ajuda novamente de meus familiares fiz minha matrícula; minha namorada foi morar na casa dos meus pais e apenas faltava o lugar onde eu iria morar no município de Jataí /GO.

Fiquei surpreso: um dos melhores amigos, na verdade um irmão, casado há pouco mais de um mês, mudou-se para Jataí e, sabendo que eu precisaria de um lugar para morar e poder estudar, convidou-me para residir com eles. Não tinha escolha, mesmo sabendo que eles precisavam ter sua privacidade de início de casamento, aceitei o convite, porque até então não tinha outra alternativa. Pedi a um amigo que possuía uma caminhonete a diesel para levar minha mudança, que era somente uma cama reformada pelo meu pai, um pedaço de espuma que iria servir como colchão e uma caixa de papelão de fogão, na qual estavam minhas roupas e um cobertor.

Iniciei essa trajetória muito perdido e me sentindo um peixe fora d'água; lá se repetiam as mesmas situações da outra instituição de ensino, os mesmos trotes e as brincadeiras racistas; contornei essas situações porque nada poderia me desanimar.

Na segunda semana, houve aula inaugural para todos os calouros do campus de Jataí, no auditório, para apresentar o corpo docente da universidade. Tivemos a honra de conhecer a diretora acadêmica Dra. Ana Caritas, “Ah meu Deus”, uma senhora com aproximadamente um metro e oitenta, negra com um olhar doce e dizendo: “Boa noite”. Aquela voz suave me fez pensar “aqui é meu lugar”. Ao longo do discurso da Dra. Ana Caritas, fui construindo em minha mente todo um filme de afirmação de que o negro é, sim, capaz de se sobressair nas desigualdades impostas pela sociedade, e a representação positiva de si mesmo é de essencial importância, como salientam Fernandes e Souza (2016);

É possível destacar que a construção, reconstrução do “ser negro” passa pela forma como o grupo étnico-racial negro foi e é representado socialmente, pois as representações são fundamentais para a construção, reconstrução ou ressignificações das identidades individuais ou de grupo. As representações sociais podem ser transformadas, modificando a forma como os indivíduos se percebem ou se conceituam (p. 112)

Assim iniciou a minha história acadêmica dentro da Universidade Federal de Goiás/UFG – Campus de Jataí, no curso em que me encontrava plenamente feliz e me realizando profissionalmente. Mas as mesmas marcas da colonialidade machista e superior que já me haviam feito desistir do curso de Letras a floraram /surgiram/emergiram novamente. Agora, no curso de Educação Física, era a necessidade de utilizar uma bermuda de banho para aulas obrigatórias de natação.

Recordo que tinha vergonha de usar, e por isso acabei perdendo algumas aulas da disciplina. Mas, com o passar do tempo e em conversa com os colegas, senti a necessidade de vencer esse obstáculo e poder participar das aulas.

Além dessa dificuldade, precisava enfrentar a luta diária do dia-a-dia, trabalhando em uma loja de calçados no período integral e cursando Educação Física à noite. A saudade da família e dos amigos era outra questão que surgiu com intensidade, mas as poucas vezes que os via eles ajudavam com inúmeros conselhos e força para não desistir.

No segundo período, já no ritmo do curso, da cidade e das pessoas, fui escolhido representante de formatura dentro do próprio campus; com isso, pude participar dos movimentos acadêmicos, tratando das questões diretamente com a diretoria. Nesse período de intenso diálogo com diretores do campus, surgiu uma grande amizade com a Dra. Ana Caritas. Além de conselhos, ela falava de sua formação acadêmica e seu doutorado na França. Comentava dos momentos difíceis em sua vida e das diversidades já passadas

Com o início do semestre houve mais um trote nos calouros; dessa vez a minha turma organizou a tal façanha. Lembro que, durante essa ação, um dos meus colegas

perguntou para um senhor (gestor de uma escola) que havia passado no curso de matemática, se o mesmo não estaria precisando de um professor de Educação Física; como a resposta foi afirmativa, fui até ele e me apresentei. Ele solicitou que o procurasse na escola, na segunda-feira da semana seguinte. Conforme o combinado, às 7 horas da manhã lá estava.

Cheguei à escola meia hora antes, ansioso pelo que vinha pela frente. Depois de uma longa espera, o gestor me perguntou o que estava fazendo ali. Respondi-lhe que havíamos combinado de conversarmos sobre a vaga para professor de Educação Física. Ele riu e disse que era um trote comigo. Fiquei sem graça e fui embora, desanimado e frustrado. No dia seguinte, a coordenadora da escola entrou em contato comigo, me informando que tinha cinco turmas, e me passou o horário. Meu Deus, quanta alegria!

Iniciou-se, assim, um grande desafio: nunca havia entrado em uma sala de aula, como iria fazer? Mas sentia-me preparado e desta forma me dirigi à primeira sala de aula, 5º Ano “A”. Recordo de como eu estava nervoso para o início dessa aula; aos poucos, fui me acalmado e a dinâmica da aula foi fluindo. As cinco aulas da manhã haviam terminado, não tinha nem voz, estava rouco e havia mais cinco aulas no período vespertino. E assim iniciava minha caminhada como professor e acadêmico de Educação Física.

Com o passar dos períodos, ia cada vez mais me surpreendendo com o curso, principalmente ao saber que estava fazendo o que realmente me satisfazia. Mesmo com as dificuldades, a minha maior vontade era de concluir. Foram surgindo oportunidades para participar de cursos e minicursos. Mas de um curso em especial, que seria realizado em Poços de Caldas – MG, lembro com muito cuidado. Naquela ocasião, não tinha condições de fazer; foi então que decidi vender uma moto para poder participar do curso.

Ao retornar do curso, fiquei sabendo que no Clube Associação Atlética Banco do Brasil/AABB estavam precisando de um professor de futebol. Candidatei-me à vaga e fui contratado por ter feito um curso de aperfeiçoamento nessa área. Na AABB as oportunidades foram surgindo para desenvolver colônia de férias, organização de torneio de futebol, basquete, handball, natação e outras modalidades de esportes.

Voltando às minhas memórias, recordo que a única finalidade era concluir a graduação e ter um bom trabalho para que pudesse ter uma qualidade de vida melhor para ajudar meus pais e meus filhos. Passei por muitas situações difíceis, sofrendo discriminação pela minha cor de pele dentro da universidade e fora dela, mas o foco era não desistir e vencer essas tristezas.

Houve uma passagem que muito mexeu comigo; conheci uma acadêmica de Letras e daí surgiu um sério romance entre nós, a ponto de tentar pedir aos pais da moça para namorar.

Ela havia falado com a mãe que estava namorando um negro. Sua mãe ficou surpresa e também assustada com a reação do seu pai, se ele iria aceitar tal situação. Os meses foram se passando e nós nos apaixonando cada vez mais, e contávamos apenas com um pequeno apoio da mãe e dos amigos. Decidimos que iríamos falar com seu pai, um senhor de meia idade e paulista que saiu da sua cidade natal Terra Roxa, São Paulo para tentar a sorte em Goiás, na cidade de Jataí. No entanto, ao saber que sua filha estava namorando um negro, negou-se a aceitar o namoro com “esse preto” - palavras do pai.

O pai passou a levá-la e buscá-la na universidade. Mesmo assim conseguíamos, com ajuda da mãe e dos colegas, nos encontrar. Isso durou aproximadamente três meses, quando, de súbito, recebi a notícia de uma amiga que tínhamos em comum que ela teria deixado a cidade, na madrugada, com toda sua família, sem deixar aviso ou local onde iria morar. Assim, nunca mais tivemos contato.

Com o fim do curso, chegou o dia da formatura. À época, as formaturas ocorriam com contribuições financeiras de pessoas mais abastadas ou políticos. Eu era vice-presidente da comissão de formatura e, trabalhando no clube da AABB, mantive contato com alguns políticos que contribuíram para realizar uma belíssima formatura. Animado e encorajado pelos colegas, fiz contato telefônico (de um orelhão) com a diretora acadêmica Dr<sup>a</sup>. Ana Caritas, que nos doou o jantar de formatura. Atendendo a um pedido meu, essa contribuição foi feita com muito carinho. Também fomos contemplados com auxílio para outras despesas, obtido de meu chefe que era diretor do Clube AABB. A organização do espaço e alguns detalhes ficaram por conta da comissão de formatura.

#### *Outras histórias após a universidade*

Passei cinco anos na cidade de Jataí; lá aprendi a lutar com as dificuldades, cresci como pessoa e sei que tudo que alcancei foi com muito esforço e dedicação da família, pois o diálogo com os meus pais, as vivências de atitude, de amor e respeito, os valores, as regras sociais, foram de suma importância para a formação da minha personalidade, do meu caráter, como também na aprendizagem, me dando condições para o meu crescimento pessoal e profissional. Pois, conforme assegura Souza (2012), a família e escola são os principais suportes com que a criança pode contar para enfrentar desafios, visto que, integradas e atentas, podem detectar dificuldades de aprendizagem que ela possa apresentar, podendo contribuir de maneira eficiente em benefício da mesma, pois a família é, sem dúvida, o alicerce para que o indivíduo tenha uma boa formação, uma preparação para tomar atitudes para enfrentar as dificuldades que certamente virão no decorrer de sua vida.

A convite da Associação Atlética Banco do Brasil de Rio Verde/ GO, retornei como coordenador de esportes de um grupo elitizado, com todas suas regras, e cabia a esse profissional modificar/reorganizar todo o sistema. Fui designado para implantar algo semelhante ao da AABB de Jataí/GO. Foram muitas as situações que passei, muitas formas de racismo que não havia como evitar. O racismo pode ser entendido como “um sistema de dominação e opressão estrutural pautado numa racionalidade que hierarquiza grupos e povos baseados na crença da superioridade e da inferioridade racial” (GOMES, 2017, p. 98).

Recordo que a primeira experiência vivenciada de prática racista no clube AABB surgiu com um dos diretores do clube durante um jogo de futebol, ocasião em que o mesmo me chamou de nego, macaco, chipanzé, crioulo, e que eu não tinha capacidade para estar à frente do cargo que estava ocupando naquela ocasião. Lembro de que nada falei, apenas me retirei do local e chamei a polícia, a qual compareceu ao local e pediu que o diretor entrasse na viatura; foram à delegacia civil da cidade prestar esclarecimento. Com esse ocorrido, pude perceber que meus caminhos seriam sempre de resistência, pois como salienta Gomes:

Mesmo que, aos poucos, uma geração, de negros e negra brasileiros participe de um movimento de inserção profissional, intelectual e política em setores historicamente negados a esses grupos étnico-racial e vivam um processo de ascensão social, o racismo e a discriminação racial continuam sendo o alicerce da estrutura social do país notadamente desigual (GOMES, 2010, p. 101).

Nessa situação vivenciada, algo que me marcou foi o fato de escutar “que não tinha capacidade de estar à frente do cargo que estava [...]”. Hoje, realizando as leituras dos intelectuais do grupo Modernidade/Colonialidade, mais precisamente de Carlos Walter Porto-Gonçalves e Pedro de Araújo Quental (2012, p. 8), percebo que “alguns povos e grupos sociais acabam por ser identificados fora da categoria de seres humanos, são descartáveis, prescindíveis e não formam parte da história, ou são rotulados como seres humanos de segunda classe”.

Outra questão, observada nessa situação é o preconceito, que nesse texto, é entendido a partir de Munanga (2016, p. 181), como sendo “um julgamento negativo e prévio que os membros de uma raça, de uma etnia, de um grupo, de uma religião ou mesmo de indivíduos constroem em relação ao outro”.

Continuando a situação vivenciada, recordo que fomos para a delegacia e lá registrei um boletim de ocorrência, e o ofensor foi liberado em seguida. Foi aberto um processo pelo constrangimento e a humilhação pelos quais passei; o juiz decretou que o ofensor pagaria vinte cestas básicas a uma entidade filantrópica da cidade e prestaria quarenta horas de

serviços voluntários a uma instituição de idosos da cidade. O Banco do Brasil deu uma suspensão de trinta dias sem remuneração, saindo o ofensor do cargo que ocupava e assumindo outra função. Houve ainda outras penalidades para o mesmo; mas a principal era de ficar proibido de frequentar o clube por seis meses. Esse caso repercutiu nos jornais, televisão e rádio em toda a cidade. Segundo Munanga (2016, p. 185):

A primeira forma de combate à discriminação racial, ou seja, via legislação penal, é uma realidade conhecida por poucos brasileiros e brasileiras. É importante que a população brasileira saiba que existe uma série de leis para punir a discriminação por motivos de raça, sexo, religião, origem nacional, deficiência e outros em nosso país.

Não podemos deixar de tecer considerações sobre os desacatos/insultos raciais. Acerca disso, Guimarães (2008) atesta que:

A posição de inferioridade do negro também é reforçada através de insultos/injúrias raciais, que nada mais são que humilhação públicas, e que esses posicionamentos apresentam como alguns espaços são demarcados socialmente e racialmente, e como os insultos ganham a função de reivindicação virulenta desses espaços em prol de um só grupo social e racial (GUIMARÃES, 2008, p.1).

Sobre o acontecido, houve uma assembleia com todos os diretores do clube AABB, durante a qual foi feito um pedido de desculpas em nome do Banco do Brasil, cujos diretores não compactuavam com a atitude do colega agressor, segundo eles, nem dentro e nem fora das suas dependências, por parte de qualquer funcionário. Permaneci ali trabalhando por mais três anos; minha equipe foi reconhecida até mesmo na sede Central do Banco do Brasil pela brilhante organização dos times das jornadas das AABB, Jornada Esportiva Microrregionais da Associação Atlética Banco do Brasil (JEMAB), recebendo títulos e certificados.

Ingressado no mercado de trabalho, reconhecido pela forma de trabalhar, voltei à minha terra natal, onde atuei durante nove anos no Colégio da Polícia Militar “Carlos Cunha Filho”, exercendo a função de professor e também coordenador de esporte. Iniciamos projetos que perduram até hoje. Trabalhei em várias outras escolas estaduais (com base de contrato que era renovado a cada ano), além de árbitro no futebol amador dentro e fora do município de Rio Verde/GO.

Durante uma partida de futebol, um novo caso de racismo ocorreu. Um senhor, torcedor de um dos times, me ofendeu com vários nomes e me designou de inúmeros animais. Não tive dúvida, tomei a mesma posição anterior. Registrei um boletim de ocorrência e, após o julgamento, sua pena foi a realização de trabalhos voluntários.

Logo após esse episódio ocorreu o concurso Público Estadual e Municipal. Para esse concurso, eu e alguns colegas organizamos um cursinho voltado à área de Educação Física. Estudando, trabalhando no cursinho e em outros espaços, fui aprovado no concurso e assumi quarenta horas em três escolas do município. Nesse mesmo tempo, fiz especialização em educação infantil.

Após dois anos em sala de aula, fui convidado para atuar na coordenação de Educação Física, na Secretaria Municipal da Educação de Rio Verde/GO. Não seria uma função fácil, mas certamente um desafio que me traria crescimento profissional. E foi o que ocorreu.

Montei uma equipe atuante, com profissionais habilitados, que executaram um bom trabalho. Nessa mesma época, o Secretário de Educação, também Coordenador da Faculdade Almeida Rodrigues (FAR), convidou-me para atuar como professor substituto na disciplina de Psicomotricidade. Como nunca havia trabalhado como docente no nível superior, foi um desafio profissional. Aceitei o convite, planejei a aula. Minha primeira aula foi em uma turma do segundo período de Pedagogia, com 35 acadêmicas. Que começo assustador, esse primeiro contato.

Aos poucos fui conhecendo os anseios das alunas, o que facilitou minha atuação no nível superior, já que estava bastante inseguro. Aos poucos a insegurança deu lugar à confiança, e não demorou para que tivesse oportunidade de assumir a docência de Jogos e Recreação. Em seguida, outro convite para atuar em outra universidade.

Durante alguns anos fiquei ministrando aulas como especialista, mas logo foi necessário alcançar outros voos e o tão sonhado mestrado, o que exigia muito conhecimento, portanto de acesso a poucos. Tentei em várias cidades, e faculdades, mas não conseguia passar nas etapas.

Não sei se a temática incomodava ou era em razão de minhas dificuldades. Um colega, conhecedor de minhas expectativas acadêmicas, falou da possibilidade de realizar o mestrado na Universidade Católica Dom Bosco- UCDB, em Campo Grande/MS, por conta da linha de pesquisa Diversidade Cultural e Educação Indígena, tema pelo qual tinha grande interesse.

Eis que estou aqui escrevendo minha dissertação, em uma articulação entre memória e história, buscando interpenetrar entre essas duas instâncias. Início com reflexões sobre minha formação e história de vida.

## **1.2 A entrada no Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado da Universidade Católica Dom Bosco/UCDB e os processos de desconstrução, resignificação e descoberta**

Na Universidade Católica Dom Bosco, mais precisamente no Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado, na linha de pesquisa Diversidade Cultural e Educação Indígena, chegou o momento de estudar mais. Em outras palavras, agora já borrado e marcado pelas leituras da Linha de Pesquisa, digo que é o momento de muitas desconstruções, inquietações e perturbações.

Esse período de estudo intenso foi a oportunidade de resignificar verdades e me afirmar enquanto negro, pois “é necessário que se construa a identidade na diferença. E na cultura negra, essas diferenças se revelam na história, através da ancestralidade e de suas tradições, que vão sendo traduzidas, resignificadas” (MIZAEL; GONÇALVES, 2015, p.4).

Para fazer a matrícula e conseguir o afastamento para ingressar no mundo da pesquisa, veio uma dolorosa luta para conseguir a licença para aprimoramento profissional. Essa luta deu-se por fatores políticos que ainda perduram nas cidades do interior, como o coronelismo: em outras palavras, pessoas com alto poder econômico que dominam toda a cidade.

Isso aconteceu porque tive problemas políticos por ter divergências de ideias dentro da secretaria onde trabalhava. Como quem ganhou a política foram essas mesmas pessoas com as quais me desentendi, houve então uma perseguição pessoal no ambiente de trabalho. Com isso, tive de sair da Coordenação de Educação Física da Secretaria Municipal de Educação e fui remanejado para uma unidade escolar distante da minha casa, exercendo a função de coordenador disciplinar. Essa unidade escolar fica localizada em um bairro muito carente, inseguro e perigoso, tanto que lá se encontra um posto do Centro de Policiamento Especializado/CPE, para tentar coibir um pouco as gangues que ali habitam.

Porém, toda retaliação pela qual vinha passando não acabou por aí; perdi a gratificação do cargo que estava exercendo. Sem conseguir afastamento para estudos, após minha aprovação no Curso de Pós-Graduação de Mestrado da Universidade Católica do Dom Bosco/UCDB, optei por conversar pessoalmente com o Secretário Municipal de Educação de Rio Verde/GO e expor a situação, como também a importância desse curso não só para mim, mas como profissional atuante no município. Prontamente entendeu e solicitou à responsável pelo departamento do Recursos Humanos urgência na publicação de meu afastamento para aprimoramento profissional.

Assim, me desloquei para Campo Grande/MS para realizar minha matrícula no Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado/UCDB. O primeiro dia em Campo Grande foi de muita novidade e de algumas construções: nova cidade, novo estado e novo convívio com tudo e todos. Ao chegar à instituição para realizar a matrícula, a primeira vista que tenho é o bloco “A” e logo em seguida o prédio administrativo e a enorme biblioteca. Não me contive, precisei entrar e verificar aquele mundo que ainda não havia contemplado. Depois desses primeiros momentos de encantamento me dirigi ao departamento do PPGE/UCDB; achei que logo após realizar a matrícula já teria contato com o meu orientador. Mas ao perguntar dele, fui informado que ainda não tinha retornado do almoço.

No segundo dia, agora já durante o período letivo do mestrado, recordo que parei alguns minutos para contemplar a estrutura da UCDB e logo me dirigi para a sala de aula do Programa de Mestrado. Com um frio na barriga, nervoso e ansioso acerca dos próximos momentos, cheguei à sala e me deparei com os professores sentados, todos doutores (ou pós doutores), ali na minha frente. Foi grande a minha satisfação por estar ali naquele ambiente acadêmico, sendo os professores acolhedores e sensíveis com os acadêmicos. Os colegas não sabiam quem eu era, não conheciam a minha história e nem tinham ideia de onde eu era. Logo, percebi que não era o único negro na sala; isso proporcionou uma certa tranquilidade.

Após esse primeiro impacto positivo, vieram as apresentações; eu fiquei observando e escutando a fala de cada um. Num primeiro olhar você começa a pensar e imaginar sobre si, sobre fatos e aquilo que está à sua volta, e inclusive passa a apropriar-se deles em diversas discussões de fronteiras.

Alguns desafios precisavam ser enfrentados, principalmente por ter vindo de uma graduação em Educação Física depois de quase 19 anos. O grande desafio era o de realizar leituras e escritos teóricos e me apropriar das pesquisas da área e do assunto.

Durante as leituras realizadas, as dificuldades eram grandes por não conhecer os teóricos que ali se apresentavam para mim; eram leituras difíceis de ser compreendidas por não tratarem de minha área de atuação. Iniciou-se toda uma desconstrução de um ser que, antes de entrar no campo da pesquisa, preocupava-se apenas com leituras de sua área de atuação. Para desenvolver o trabalho de maneira prática, com o passar dos dias e me apropriando mais das leituras, participei de seminários, leituras em grupos, leituras individuais e pude perceber que tudo à minha volta estava mudando de uma forma que antes não era entendida por mim.

As leituras realizadas no Programa de Pós-Graduação da Universidade Católica Dom Bosco significaram uma transformação de pensamentos e um olhar mais crítico em relação a

como ver o outro e como o outro me vê. Era o construto de minha identidade em constante transformação:

Pensar a construção da identidade dos sujeitos é algo bastante complexo, pois os seres humanos são submetidos a constantes interações sociais, que os formam no que diz respeito a sentimentos, ações, ideologias, pensamentos etc. Essa cotidianidade, vivida no coletivo e na individualidade, permite que se assumam posturas diante do experienciado nos vários espaços sociais (MIZAEAL; GONÇALVES, 2015, p. 2).

Durante as aulas, eram tensas as discussões, por se tratar de pessoas diferentes com pensamentos diferentes e também com olhar diferente ao entender as entrelinhas que os textos nos apresentavam; também o receio de estar falando ou apontando algo de que o texto não tratava no momento era enorme, por ter ali à minha frente professores e também colegas que talvez não concordassem com minha análise e compreensão.

Ao longo da caminhada, aquilo que por mim era dito como verdade passou a ser questionável, por assim dizer, porque em mim houve uma grande desconstrução de pensamentos, em direção a uma nova construção de conhecimentos. Episódios que anteriormente por mim tinham sido ignorados passaram a ser ressignificados a partir das leituras, análises e reflexões mais acuradas, respaldadas teoricamente, bem como as trocas de vivências com os colegas, professores e professoras.

Essas vivências com os colegas, as leituras diárias e as intervenções do orientador me fizeram “desconfiar das bases sobre as quais se assentam as promessas e as esperanças nas quais nos ensinaram acreditar” (VEIGA-NETO, 2007, p. 23). Em outras palavras, nunca pensei em refletir, desconfiar e “virar do avesso” determinadas certezas, verdades ensinadas e construídas em minha vida. Não imaginava que existissem outras culturas, saberes e conhecimentos, e que estes ficavam silenciados e subalternizados.

Conforme ia me aprofundando nas leituras, fui observando o quanto fui criado, formado e conduzido dentro de uma cultura hegemônica, colonizadora e dominante. Uma cultura que apresenta determinadas convicções como absolutas. Ainda nessa direção, pude compreender, a partir das leituras, saberes distintos ligados a um universo multicultural que não é somente aquele que se configura na aplicação/inserção/imposição de culturas, mas, principalmente, é aquele lugar onde o direito e o respeito são tidos como ferramentas que libertam e renovam as ideias de uma convivência diária harmoniosa, combatendo atos de discriminação e, por conseguinte, vencendo o preconceito e alicerçando o respeito mútuo à diversidade, pois raça não é algo biológico, mas uma estruturação social estrutural e construtiva; sendo assim, é um eixo central em nossa análise do espaço (HALL, 2003).

Além das constantes desconstruções realizadas, o encontro com a minha identidade negra acabou ocorrendo. Recordo que, na primeira conversa com o meu orientador, ficou acordado de rever o tema de pesquisa, pois a proposta que havia submetido ao processo seletivo, além de ampla, não contemplava a temática da linha de pesquisa Diversidade Cultural e Educação Indígena do PPGE/UCDB. Após tentar o processo seletivo em outros programas e até de realizar disciplinas como aluno especial, a entrada no mestrado significava um momento importante em minha vida; por esse motivo, dispus-me a rever a proposta de pesquisa, alinhando-me à proposta do mestrado.

Nessa primeira conversa, o meu orientador me deixou muito à vontade para buscar um tema que se aproximasse da minha realidade cotidiana, da minha prática docente e do meu ambiente universitário. Após esse primeiro contato, houve as primeiras desconstruções. O orientador não disse “faça isso e nem aquilo”; ao contrário, deixou-me tranquilo para escolher um tema de trabalho. Não exigiu a presença integral em Campo Grande, pois sabia que eu vinha de outro estado e tinha outro contexto. Lembro que suas palavras eram “dedicação” e “foco” durante esse primeiro período de leituras, pois sabia da minha história, do tempo que estava fora do âmbito acadêmico e das disciplinas realizadas em outras instituições, com outros campos teóricos.

Consciente das dificuldades que o mestrado representava, no sentido da escrita, da pesquisa e das leituras necessárias, vivenciei momentos de insegurança e tensão. No entanto, após o primeiro contato com o orientador, vários pensamentos começaram a povoar a minha cabeça, embora ainda sem direção. Pensei em pesquisar a luta do negro na História do Brasil ou da Educação Brasileira; com isso poderia iniciar escrevendo sobre a minha vida. Pensei em trazer à tona a questão racial e a presença dela no contexto da Educação Básica ou do Ensino Superior, principalmente porque poderia ser um mediador do movimento negro no espaço que ocupava no momento. Além de todos esses atravessamentos que me inquietavam, e que começava a perceber, havia as leituras das disciplinas do mestrado que muito me assustavam pela complexidade da discussão. Homi Bhabha, Stuart Hall, Zygmunt Bauman, Frantz Fanon foram autores que se me apresentaram; confesso que sequer sabia de suas existências, mas comecei a dialogar com eles, perdendo noites de sono. Fizeram-me rever muitas questões e, principalmente, buscar algumas respostas.

Com esses autores, fui percebendo o que estava fazendo ali, naquele ambiente do PPGE e na Linha de Pesquisa. Amparado por outros autores, recomendados pelo orientador, pelos professores e pelos colegas, fui entendendo o que era o movimento negro e a ausência

dele em minha história. Hoje compreendo que muitos dos conflitos vividos, dos preconceitos e da discriminação poderiam ser encarados com outros olhos. Também entendo que:

Para o movimento negro a “raça”, e, por conseguinte, a identidade étnico-racial, são utilizados não só como elemento de imobilização, mas também de mediação das reivindicações políticas: em outras palavras, para o movimento negro, a “raça” é o fator determinante de organização dos negros em torno de um projeto comum de ação (DOMINGUES, 2007, p.102).

Conforme mergulhava nas leituras, fui percebendo algumas afinidades com a questão dos negros no cenário brasileiro, com a perspectiva de refletir sobre relações raciais no Brasil, partindo daquilo que me foi ensinado nos livros de história marcados pelo racismo desde a chegada dos portugueses.

Com as leituras, volto a repensar momentos vividos por mim em situações nas quais me imaginava saber que era um negro no universo branco. Inconscientemente, achava que sabia tudo sobre o negro, por entender que frequentar locais em que outros negros não transitavam era sinal de que sabia o que estava fazendo ali. Porém, nada era assim como eu pensava.

A minha presença como negro nesses espaços sempre fora de minoria, de silenciamento e inferiorização, algo que hoje consigo perceber, mas naquele momento não compreendia. Amparado nessas leituras, muitas memórias voltam à mente e me fazem refletir. Recordo de estar em uma determinada boate e, quando se tocava apenas músicas de rock da época, as quais se dançava individualmente, sentia estar “abafando”, mas, em seguida, quando as músicas lentas iniciavam, os casais eram formados e eu deixaria de existir por algum tempo. A identidade branca, hegemônica era bem presente e marcante naquele local. Por inúmeras vezes, nesse espaço, recebia um “não” de uma moça quando a convidava para dançar; primeiro me olhavam, e depois negavam. Hoje, revivendo esse passado, percebo que estava num ambiente racial, colonial e hegemônico. Um ambiente sustentado pela discriminação, pelo preconceito e pela subalternização do outro.

[...] na busca pela homogeneização da sociedade, investe-se na construção de uma identidade única, um modelo a ser seguido, tanto na individualidade, quanto nas ações cotidianas nos vários espaços sociais, de lazer, cultura, de aprendizagens formais e não formais. (OLIVEIRA; DIAS, 2015, p. 2)

O olhar das moças para o corpo negro já evidencia a marginalização. Bhabha (1998, p. 73), amparado em Fanon, escreve que “os olhos do homem branco destroçam o corpo do homem negro” (p. 71) e ainda nos faz refletir que esse corpo é o “estereótipo do nativo fixado

nas fronteiras deslizantes entre barbárie e civilidade; o medo e desejo insaciáveis pelo negro” (BHABHA, 1998, p. 71).

Nessa direção, Gomes (2017, p. 94) escreve que:

O corpo negro não separa do sujeito A discussão sobre regulação e emancipação do corpo negro diz respeito a processos, vivências e saberes produzidos coletivamente. Isso não significa que estamos descartando o negro enquanto identidade pessoal, subjetividade, desejo e individualmente. Há aqui o entendimento de que assim como “somos um corpo no mundo”, somos sujeitos históricos e corpóreos no mundo. A identidade se constrói de forma coletiva, por mais que se anuncie individual.

Após me ver como aluno do Programa de Pós-Graduação, percebi o quanto eu estava movido pela colonialidade em minhas concepções de mundo e daquilo que estava à minha volta. Observei que se travava de uma luta isolada comigo mesmo.

Considero esse despertar como um avanço dentro da Linha de Pesquisa, para tentar entender ações afirmativas que possam ser instrumento de auxílio, na intenção de corrigir desigualdades e poder dar maior visibilidade ao acadêmico negro dentro da faculdade.

Deste modo, o próximo capítulo trará os procedimentos metodológicos deste estudo por meio da pesquisa de campo e dos sujeitos negros da pesquisa.

## CAPÍTULO II

### **POR ONDE CAMINHEI: Apresentando os procedimentos metodológicos, o campo e os sujeitos negros da pesquisa**

Neste capítulo, pretendo abordar e mostrar os caminhos e descaminhos pelos quais esta pesquisa passou; dessa forma, apresento o cenário desse trabalho, o espaço da faculdade de Rio Verde/GO, e os sujeitos que transitaram e transitam por este texto a todo momento.

#### **2.1 Apresentando os procedimentos metodológicos que me auxiliaram**

Como negro e professor da Educação Básica e do Ensino Superior, comecei a observar, no ambiente de trabalho – o curso de Pedagogia de uma Instituição Superior do município de Rio Verde/GO – , a presença de negros nesses espaços e, algumas vezes, a ausência de discussões, reflexões e trabalhos com esse grupo, mesmo sabendo da existência da Lei 10.639/2003<sup>2</sup>, considerada um marco histórico, pois ela incluiu a história e a cultura afro-brasileira nos currículos oficiais da rede de ensino. A presença de estudos ou, quem sabe, de uma disciplina que contemplasse os conteúdos de obrigatoriedade da lei, provocaria deslocamentos, rupturas, novas leituras e até mesmo uma sensibilidade com as identidades presentes no espaço da instituição, principalmente nos acadêmicos negros.

A Instituição de Ensino Superior da cidade de Rio Verde/GO, que foi ambiente de pesquisa, foi selecionada por ser uma instituição de grande prestígio entre os docentes da cidade e da região, e também porque atuei como docente nesse espaço por algum tempo, mais precisamente no curso de Pedagogia. Atualmente, em virtude da bolsa de estudos da

---

<sup>2</sup> A Lei 10.639/2003, a qual estabelece nas diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira”.

CAPES/PROSUC, precisei deixar as aulas para me dedicar integralmente ao Programa de Mestrado da Universidade Católica Dom Bosco/UCDB.

A Faculdade é uma organização privada; criada em 2002, disponibiliza para a sociedade Rio-Verdense cursos de bacharelado em Administração, Tecnologia em Agronegócios, Tecnologia em Gestão de Recursos Humanos, Direito, Licenciatura em Pedagogia, Educação Infantil e Pós-Graduação em Docência Universitária, Psicologia Clínica e Institucional, Direito penal, Direito Processual Penal, Direito Civil, Direito Processual civil, MBA em gestão em segurança pública, MBA em Gestão de Negócios e Finanças e MBA em Gestão de Pessoas e Coaching. Com esses cursos, a instituição busca oferecer um ensino-aprendizagem superior, bem como alguns cursos de especialização profissional tanto para acadêmicos do município quanto para outros acadêmicos advindos de cidades circunvizinhas.

Após ir direcionando a pesquisa para os objetivos que estão presentes neste trabalho, depois de tantos momentos de desconstrução e construção, fez-se necessário escolher quais caminhos seguir para transformar aquilo que era intenção em pesquisa realizada, tendo a percepção de que não se caminha sozinho nesse universo de pesquisa. Assim, fui buscar no campo teórico a fundamentação necessária para traçar tais caminhos e fazer com que eles me conduzissem para a efetivação dessa construção teórica, metodológica, empírica e de campo.

Com Klein e Damico (2014, p. 74) pode-se compreender que “entrar no campo significa deixar-nos envolver por ele, uma vez que o que ali acontece não está pronto, tampouco é algo dado a priori”. Assim, apropriando-me das leituras ligadas à identidade, diferença, raça, racismo e estudante negro, passei a estar mais próximo do que pretendo buscar no campo de pesquisa, passando a articular e compreender a maneira de caminhar em direção à inserção da pesquisa de campo. Procurei encarar esse momento da pesquisa, esse percurso metodológico, como um fazer pedagógico, como mencionam Meyer e Paraíso (2012):

Trata-se de caminhos a percorrer, de percursos a trilhar, de trajetos a realizar, de *formas* que sempre têm por base um conteúdo, uma perspectiva ou uma teoria. [A *metodologia*] pode se referir a formas mais ou menos rígidas de proceder ao realizar uma pesquisa, mas sempre se refere a um como fazer. Uma metodologia de pesquisa é pedagógica, portanto, porque se trata de uma condução: como conduzo ou conduzimos nossa pesquisa (p. 15).

A melhor forma de enunciar minhas perspectivas metodológicas de conceitos, princípios e pressupostos da pesquisa partia do fato de ser professor da mencionada faculdade de Rio Verde/GO. A pesquisa iniciou com o levantamento de estudantes negros na faculdade e os cursos em que estavam matriculados.

Assim, para a realização do levantamento dos estudantes para esta pesquisa, primeiramente me dirigi até a faculdade em que pretendia realizar o estudo, pois, como elucidada Costa (2002), as Instituições de Ensino são espaços culturais onde o poder se organiza, e eles, são, portanto, espaços que educam e moldam nossa conduta. Isto reforça mais ainda minha afirmativa de que o ambiente universitário é um local em que circulam diferentes identidades.

Ao chegar à Faculdade, informei-me acerca da pessoa com quem eu teria de conversar, para poder realizar as entrevistas. Foi-me repassado que eu deveria entrar em contato com o coordenador do curso de pedagogia, professor Clésio Feliciano de Sousa. Desse modo, a articulação foi realizada com o coordenador do curso, que prontamente se prontificou a esclarecer os trânsmites legais para que eu pudesse realizar entrevistas na faculdade.

Em conversa com o coordenador do curso de pedagogia, ficou marcado que, tão logo eu entregasse o pedido de autorização para realizar a pesquisa à coordenação do curso, seria disponibilizado todo o material necessário para que eu pudesse realizar o levantamento de quem seriam os acadêmicos/as que fariam parte da minha pesquisa.

Pode-se dizer que a maioria da minha articulação para este estudo foi obtida com a ajuda do coordenador do curso de pedagogia. Providenciei o pedido de autorização e o entreguei na secretaria. Em uma semana obtive a autorização. Nesse dia me senti muito feliz, porque estaria dando um passo muito importante para a conclusão do meu mestrado, pois era por meio desse conhecimento e, posteriormente, das entrevistas, que eu estaria concluindo o meu estudo.

Dessa forma, munido do documento fui até a faculdade para realizar o levantamento. Chegando à Instituição pude me deparar com diversos profissionais que ali trabalhavam. Alguns com um sorriso no rosto, me cumprimentando da melhor forma possível, outros com uma expressão de “o que este negro quer aqui?”; foi com essa mescla de sensações que me dirigi até a coordenação e entreguei o pedido de autorização, recebendo do coordenador livre acesso para poder fazer o levantamento.

Primeiramente estava fazendo o levantamento de todas as pessoas de raça negra, mas me atentei de que meu estudo estava delimitado ao curso de pedagogia. Pude perceber, com este levantamento, que nessa Instituição estudavam muitas pessoas da raça negra, que a presença de negros nos bancos das universidades não é só uma estatística que visa florir os papéis de muitos políticos; pois, conforme ressalta Santana (2010), a presença dos negros na universidade por meio de políticas compensatórias é uma tentativa de tornar o espaço

acadêmico um espaço muticultural, bem como combater as ideologias racistas e os estereótipos atribuídos aos descendentes de africanos, pois ele lembra que o processo discriminatório contra o povo negro foi culturalmente construído por meio das ideologias de branqueamento que dominaram a sociedade brasileira nos séculos XIX e XX, e que chegaram até o século XXI porque a sociedade brasileira privilegia as discussões em torno da classe e silencia as discussões em torno da temática racial negra.

Assim, veio-me a impressão de que seria fácil essas pessoas participarem da pesquisa, mas isso foi só ilusão. O levantamento foi realizado rapidamente; não houve muita demora pois a faculdade é toda informatizada e existe um programa que contém todos os dados dos acadêmicos. Com a relação dos nomes das pessoas que poderiam participar em mãos, fui refletindo sobre qual seria a estratégia para demonstrar o objetivo do estudo de modo a levá-los a compreender a relevância de participar.

Até essa etapa foi fácil, pois existem diversos acadêmicos e acadêmicas negras na faculdade que poderiam ser o foco deste estudo, mas o meu objetivo eram os acadêmicos de pedagogia; assim foram levantados somente os que faziam esse curso, não importando qual o período em que estavam.

Com mais de 100 acadêmicos negros inscritos do primeiro ao oitavo período do curso de pedagogia (RODRIGUES, 2018), a dificuldade emergiu quando estabeleci os primeiros contatos com os estudantes; somente 12 aceitaram participar. Em relação à negativa, o que me chamou mais a atenção foram a vergonha e a timidez quando se fala em preconceito e racismo. Desse modo, a escolha final dos entrevistados foi realizada de modo aleatório (GIL, 2006), pois fui confirmando com cada um quem queria participar. Ao final, foram entrevistados 12 acadêmicos de diferentes períodos, com idades variando entre 20 e 37 anos.

Um dos primeiros fatores que me chamou a atenção foi a quantidade de mulheres nos bancos acadêmicos; assim, no curso de pedagogia não poderia ser diferente, pois a maioria dos estudantes é do sexo feminino.

Outro fato que considero importante descrever é o bairro em que esses acadêmicos moram, pois alguns vivem bem distantes da faculdade, mas mesmo assim eles se esforçam para estudar. Em todas as entrevistas, desde os contatos iniciais, apresentei-me como pesquisador e professor da educação básica e Superior; que essas informações facilitam as condições para o desenvolvimento das questões abordadas, pois os entrevistados puderam constatar que também passei por aqueles bancos de faculdade e pude sentir todas as inseguranças deles. Assim, a partir desses dados, puderam se familiarizar com o entrevistado.

Para a sua identificação, utilizei nomes fictícios com numeração; esse foi o procedimento combinado com todos os entrevistados.

Após o levantamento inicial, passamos a descrever a entrevista, procedimento de investigação que me ajudou a compreender melhor as informações dos acadêmicos/informantes. Além disso, as leituras das referências e os contatos com os sujeitos da pesquisa tornaram possíveis trazer para o texto as fundamentações teórico-epistemológicas (GIL, 2006), impressões acerca dos locais de pesquisa e dos espaços/tempos nos quais são representadas as identidades negras.

Para analisar as representações dos/das docentes foram realizadas, entre abril e maio de 2018, 12 (doze) entrevistas semiestruturadas com os/as docentes negros/as do curso de Pedagogia de diferentes períodos da Faculdade Almeida Rodrigues da cidade de Rio Verde – GO. Pode-se dizer que num estudo o importante não é a quantidade de entrevistas realizadas, nem a quantificação de respostas, mas a qualidade medida pelos critérios seguidos a fim de atender aos objetivos propostos para a pesquisa.

Por já ter feito parte do quadro de professores dessa faculdade, houve uma credibilidade maior diante dos sujeitos participantes. Primeiramente (e individualmente) falei a cada um sobre todo processo no qual eu estava inserido dentro da pesquisa e que visava a identificar dentro do cenário acadêmico algum movimento negro, políticas de ações afirmativas, identidade e diferença; aliás, segundo Silva (2004), são poucos os estudos feitos no cenário goiano sobre a temática do negro, principalmente na cidade de Rio Verde/GO.

Alguns entrevistados (apesar do previamente combinado) me pediram para que seu nome e nem idade fossem divulgados; reafirmamos a eles que seus nomes teriam verdadeiro sigilo e, sobretudo, que o trabalho de pesquisa atentava para o comprometimento com a ética.

As entrevistas tiveram um roteiro planejado, semiestruturado, e o tempo médio gastado pelo acadêmico foi em média de 10 a 15 minutos, de forma a deixar os entrevistados com a possibilidade de seguirem seus próprios rumos narrativos. Deste modo, primeiramente foi explicado aos entrevistados como seriam realizadas as entrevistas, e estas foram realizadas de forma individual.

Foi explicitado também que o participante teria a garantia plena e liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem necessidade de comunicado prévio. A participação foi voluntária e o participante não seria identificado (a) em nenhuma fase da pesquisa. As perguntas realizadas na entrevistas não foram longas e nem complexas, tratando apenas de como o acadêmico percebe sua trajetória de vida, observando o seu passado e refletindo o seu presente, mais precisamente no ambiente

da faculdade; portanto, elas foram feitas a partir do conhecimento do pesquisador e do estudo sobre o tema.

Foi relevante ressaltar aos participantes que as interpretações das entrevistas estão amparadas nos estudos culturais e pós-coloniais, em referenciais teóricos produzidos coletivamente, pois, como elucida Hall (2004), a língua é um sistema de relações socioculturais e não um sistema individual.

Portanto, não se trata apenas de leituras arbitrárias expressando a originalidade e a interioridade de quem escreveu esse texto, mas também de constantes construções coletivas de significados respaldadas na linguagem, guiadas pelos interesses em jogo e pelo poder, com inúmeros autores/leitores, interlocutores encontrados e os ainda por encontrar (BUJES, 2002, p. 17).

Assim, este estudo foi formulando e fazendo circular, entre os acadêmicos, pensamentos acerca do seu cotidiano e de temas que perpassam a vida individualizada e no grupo social, sobre fatos e a problematização de suas verdades estabelecidas.

Além dos procedimentos já mencionados, a pesquisa utilizou-se da observação, na intenção de atentar para a “escuta, o registro, o envolvimento e a sensibilidade” (KLEIN; DAMICO, 2014, p. 74).

Desse modo, participaram da pesquisa de Pós Graduação de Mestrado da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) acadêmicos do curso de Pedagogia de uma faculdade de Rio Verde/GO, sujeitos negros, com faixa etária média de 23 anos, cursando do primeiro ao oitavo período de pedagogia; sujeitos esses que, para participar da pesquisa de dissertação, primeiramente deveriam se auto afirmar como negros para fazer parte da pesquisa.

Os acadêmicos que participaram são homens e mulheres, com idade entre 18 a 36 anos e serão identificados nesse trabalho de A1, a A12, conforme demonstrado na tabela 1.

Tabela 1 – Período e idade dos entrevistados

<b>ACADÊMICOS NEGROS DO CURSO DE PEDAGOGIA ENTREVISTADOS</b>			
	<b>PERÍODO/SEMESTRE</b>	<b>IDADE</b>	<b>GÊNERO</b>
A1	7º Período	36 anos	Feminino
A2	2º Período	21anos	Feminino
A3	3º Período	22 anos	Feminino
A4	8º Período	26 anos	Feminino

A5	2º Período	26 anos	Feminino
A6	8º Período	37 anos	Feminino
A7	6º Período	25 anos	Feminino
A8	6º Período	25 anos	Feminino
A9	6º Período	29 anos	Feminino
A10	6º Período	24 anos	Masculino
A11	7º Período	27 anos	Masculino
A12	3º Período	27 anos	Feminino

**Fonte:** Elaboração do autor (2018)

Ao realizar a entrevista com os acadêmicos do curso de pedagogia de uma Faculdade privada da cidade de Rio Verde, pode-se observar que os acadêmicos são de períodos diversificados, em sua maioria do sexo feminino, bem como recém-aprovados no exame de admissão à Faculdade, além de alguns que já estão finalizando seus estudos. Essa diversificação é necessária, pois, por meio das entrevistas, pode-se conhecer a vivência em todos os períodos do curso de pedagogia. O que chama a atenção é a idade, pois nota-se que é uma população em que a maioria tem menos de 30 anos; conforme a tabela acima, apenas dois desses entrevistados estão acima dessa faixa etária.

Analisando o conjunto de informações obtidas na questão, ressalta-se que o curso de Pedagogia atende a uma clientela quase exclusivamente feminina, como justifica o estudo de Machado (1986), ao ressaltar a vocação das pessoas pela pedagogia; elas afirmam "gostar de lecionar", gostar de crianças, e se vêem acompanhadas da possibilidade de ascensão profissional através de um curso de fácil acesso.

## **2.2 O Município de Rio Verde de Goiás - GO: um olhar sobre a cidade**

O universo deste estudo está na cidade de Rio Verde - Goiás, que surgiu a partir da isenção de pagamento de impostos por 10 anos pela Lei nº 11, para criadores de gado bovino e equino na região sul de Goiás (CUNHA NETO, 1986).

Localizada na região sudoeste de Goiás, a 220 km de Goiânia, capital do estado, a cidade de Rio Verde destaca-se como um dos mais importantes polos agroindustriais do estado, para onde se destina atualmente grande parte dos investimentos feitos em empreendimentos produtivos de Goiás (CAMPOS, 1971; SILVA, 1998).

O município de Rio Verde ocupa uma área de 8.415,40 km e está localizado na região do sudoeste goiano do estado de Goiás, centro-oeste brasileiro (SILVA, 1998).



**FIGURA 01** – Mapa do município de Rio Verde/GO

Fonte: <https://www.google.com/search?q=rio+verde+goias+mapa&sa=1.13>

Rio Verde/GO possui topografia plana, levemente ondulada, com 5% de declividade, altitude média de 748 metros, e o clima apresenta duas estações bem definidas: uma seca (de maio a outubro) e outra chuvosa (novembro a abril), com precipitação média anual de 1.773,4 mm (SEPLAN, 2014). A temperatura média anual varia entre 20°C e 35°C, destacando-se como um dos mais importantes polos agroindustriais de agricultura do estado, (SILVA, 1998).

A população do município é formada por pessoas de várias procedências, identidades e culturas. Às famílias pioneiras se juntaram imigrantes de diversas regiões do país, e hoje somam um contingente populacional de 229.651 habitantes, de acordo com o último dado do IBGE (BRASIL, 2018, p.1).

No início do século XIX, quando a então província de Goiás era constituída ainda de muitos espaços vazios e de latifúndios improdutivos, José Rodrigues de Mendonça e sua família transferiram-se de Casa Branca, província e bispado de São Paulo, para as terras às margens do rio São Tomás, tomaram posse delas e, assim, começaram a escrever a história do município de Rio Verde (CAMPOS, 1971).

Anos depois, uniram-se a José Rodrigues de Mendonça outros proprietários rurais, cujas fazendas deram origem à Vila de Nossa Senhora das Dores de Rio Verde. Segundo Campos (1971) em 5 de agosto de 1848, pela Resolução de nº 6, o Governo Provincial criou a Freguesia das Dores do Rio Verde e o povoado foi então elevado à categoria de freguesia, data em que se comemora o aniversário da cidade. Pela Resolução Provincial nº 8 de 6 de novembro de 1854, foi criada a Vila das Dores do Rio Verde.

Segundo estudos de Silva (2004), o município de Rio Verde é um relevante polo brasileiro de produção agropecuária, pois conta com uma topografia plana, um clima estável, além de chuvas suficientes, aliando-se a isso a produtividade de suas terras e ao uso de tecnologia avançada.



**FIGURA 02** – Vista área da cidade de Rio Verde/Goiás

**Fonte:** Prefeitura Municipal de Rio Verde/GO

Conforme escrevem Rezende e Cândido (2016), o município de Rio Verde possui uma importância regional, uma vez que é a quarta maior cidade do estado de Goiás, ficando apenas atrás da capital Goiânia e das cidades de Aparecida de Goiânia e Anápolis; e, mais ainda, por ser a cidade mais importante da microrregião do sudoeste do estado de Goiás, além de possuir forte influência devido à sua crescente expansão territorial e econômica.

O grande marco de arrancada para o desenvolvimento do município aconteceu em 1970, com a expansão da agricultura, fazendo florescer novas perspectivas também para o comércio, a indústria e a pecuária, o que atraiu agricultores de São Paulo e da região Sul. Com

eles vieram novos maquinários, tecnologias, capital e experiências que transformaram o município num dos maiores produtores de grãos de Goiás (SILVA, 2004).

Ainda sobre esse assunto, o estudo de Silva (1998), acrescenta que o município de Rio Verde, desde 1970, vem apresentando intensas transformações no espaço urbano e rural, sobretudo com a instalação das agroindústrias, apresentando um crescimento econômico expressivo, pois o conseqüente aporte de tecnologias, maquinários, recursos e experiências transformaram o município no maior produtor de grãos de Goiás e um dos destaques do país. A produção agrícola do município atinge um milhão de toneladas por ano, nas mais variadas culturas, como arroz, algodão, soja, milho, sorgo, milheto, feijão, girassol.

De acordo com a Secretaria de Estado e Planejamento SEPLAN (2014), o município é o maior arrecadador de impostos sobre produtos agrícolas e centro difusor de novas tecnologias.

Rezende e Cândido (2016) acrescentam que, com o crescimento da cidade, houve um aumento acelerado da população rio-verdense, mas nota-se que esse crescimento foi desordenado, criando sérios problemas, tanto econômicos quanto ambientais. Assim, pode-se dizer que, presentemente, existe uma diversificação em todas as áreas econômicas, na prestação de serviços e nos meios de produção com altos investimentos, conforme se observa no crescimento da cidade.

Assim, conforme explica o estudo de Guimarães (2010), com a instalação do complexo agroindustrial da Perdígão em 1999, que ficou conhecido como Projeto Buriti<sup>3</sup>, Houve um impulsionamento no município, com geração de empregos diretos e indiretos, tornando a cidade um polo de crescimento regional. Por outro lado, esse processo de industrialização, subsidiado pela cadeia produtiva existente na região, provoca um aumento no custo de vida, sobrecarga na infraestrutura urbana e um crescimento desordenado.

Em relação ao Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), Rio Verde é o quinto melhor município do Estado, com indicadores expressivos de desenvolvimento. Rio Verde é um entroncamento rodoviário; o município fica às margens da BR 060, que liga Goiânia a Cuiabá, e também da BR 452 (liga Rio Verde à BR 153) e da GO 174 (liga Rio Verde ao Mato Grosso Goiano e à BR 364 com destino a São Paulo); dessa forma, o município foi

---

<sup>3</sup> Projeto Buriti: O Complexo Agroindustrial da Perdígão (Projeto Buriti), em Rio Verde (GO), completa um ano de operação no início de agosto, que coincide com o 153º aniversário da cidade. Para comemorar a data, a empresa entregará à comunidade o Posto Avançado do Corpo de Bombeiros. Localizado na região Sul da cidade, o posto tem acesso às rodovias BR-060, BR-452 e GO-174-Sul, o que facilitará o atendimento aos distritos industriais, centro e bairros da periferia. O projeto foi concretizado em parceria com a prefeitura, que cedeu o terreno, asfaltou a rua e forneceu maquinários. A Perdígão, além da construção civil, doou equipamentos e uma viatura de resgate.

escolhido por diversas agroindústrias para sua instalação, já que é dotado de boa infraestrutura locacional e disponibilidade de grãos, basicamente soja e milho (RIO VERDE, 2007).

De acordo com o estudo de Ferreira (2010), a desigualdade crescente e o crescimento desordenado com a criação de bairros sem infraestrutura aumentaram de forma significativa o problema social, e isso certamente demonstra como será o futuro desta cidade e a região do sudoeste goiano, caso não existam ações e decisões apropriadas para melhorar as condições e qualidade de vida e orientar o desenvolvimento urbano da cidade.

O município convive com a perspectiva da entrega do trecho sul da Ferrovia Norte-Sul, que se encontra em sua fase final de conclusão, e também da implantação do terminal de cargas multimodal visando a atender a demanda por transporte de grãos, bem como a exportação dos produtos industrializados (SEIXAS, 2017).

Na cidade de Rio Verde, existem atualmente 157 bairros, enquanto no ano de 1994 existiam apenas 80 bairros. Essas mudanças afetaram diretamente a população de baixa renda, que, por não ter condições de morar em bairros mais próximos da cidade, ressentiu-se da falta de infraestrutura necessária para a qualidade de vida (PASSOS, 2010; BRASIL, 2018).

Na área do Ensino Superior, Rio Verde conta com três instituições: a Universidade de Rio Verde, a Faculdade Almeida Rodrigues e a Faculdades Objetivo, sendo as três particulares; dessas, apenas duas oferecem em sua grade de cursos a formação em pedagogia.

Ao falar historicamente dos negros da cidade de Rio Verde/GO, observa-se que o processo de identidade de um povo não se constitui isoladamente, pois é por intermédio das práticas de interação com os outros que a identidade é construída. Portanto, conforme salienta Gomes (2010), a identidade negra se constrói na relação com outras identidades, e ela é uma construção pessoal e social, elaborada individual e socialmente de forma distinta.

A história dos negros neste município não é diferente; ela passou por diversas interações até chegar ao município de Rio Verde, conforme ressalta Rodrigues (2015) elucidando que a historiografia goiana nos conta que, após a febre do ouro, a sociedade goiana passa a ser constituída por negros escravizados e forros, por decadentes exploradores de ouro, por portugueses e seus descendentes, muitos desses enviados para exercer cargos políticos e religiosos e pela presença indígena, os poucos que resistiram ao extermínio do colonizador.

A construção da capital de Goiás, que é Goiânia, foi efetivada pelas mãos de migrantes que saíram de suas cidades trazendo consigo traços culturais e identitários. Dentro do território goiano têm-se expressões dessas culturas, grupos que se especializam, migrantes que recriam seus costumes, formando a heterogeneidade de práticas culturais, tal como a população negra.

### **2.3 O cenário de pesquisa: apresentando a Instituição de Ensino Superior e o curso de Pedagogia**

Conforme já mencionado, no município de Rio de Verde/GO existem três Faculdades de Ensino Superior. Uma dessas instituições é o ambiente onde foi realizada a pesquisa, pois eu era docente do curso de Pedagogia. Criada no início de 2002, por meio de uma educadora com mais de 50 anos de dedicação à educação rio-verdense, a instituição, caracterizada como organização privada, surgiu para atender às necessidades educacionais e do conhecimento do município e das cidades vizinhas, atuando em Ensino, Pesquisa e Extensão.

O espaço acadêmico da Faculdade se caracteriza como um ambiente em que ocorre um processo sistematizado de aprendizagem, espaço de processo de comunicação e interação entre os educadores e os educandos, visando sempre à aprendizagem do aluno nesse ambiente, que é voltado totalmente para as práticas educativas da Instituição. Conforme ressalta Silva (2015), o espaço escolar, na conjuntura atual, se apresenta como um ambiente de diversos interesses, tanto visíveis e tangíveis, como invisíveis e intangíveis, que são capazes de afetar profundamente a vida dos alunos que se encontram inseridos nele.

Dentro desse espaço acadêmico, deve haver profissionais que se envolvam nesse ambiente, indivíduos que tenham uma percepção aguçada em relação aos objetivos a que a Instituição se propõe, que é a aprendizagem, pois o atingimento dessa meta de forma satisfatória depende substancialmente da harmonia do conjunto de elementos que compõem esse espaço dinâmico em que ocorre a aprendizagem.

Percebe-se nesse contexto que a instituição desempenha um papel social de extrema importância, diante da multiplicidade de ações e práticas que são desenvolvidas com a finalidade de ensinar o indivíduo a socializar, procurar sua identidade e construir uma profissão; assim, os conceitos aprendidos nesse ambiente levarão o acadêmico/profissional a continuamente rever as possibilidades de continuar exercendo bem a sua principal função, que é o ensino-aprendizagem.

Assim, essa faculdade foi criada para ser um canal permanente e dinâmico de comunicação, buscando sempre desenvolver a aprendizagem para os acadêmicos que por ali passam. Nesse processo contínuo de reconhecimento de seus profissionais, emergem novas ferramentas conceituais e saberes que possibilitam compreender de forma ampliada os mecanismos de produção cultural de determinada sociedade, bem como as práticas e discursos usados pelos/as professores/as e que servirão para, a partir da oratória, impor, pouco a pouco,

certos padrões de comportamento e identidades aos grupos culturais dominados (RAUBER, 2017).

Assim, pode-se dizer que existem várias identidades/diferenças no curso de Pedagogia, e o profissional em formação, dessa área, estará se revitalizando para adotar uma nova identidade, desenvolvendo, assim, competências coerentes com os projetos educativos da escola atual.

Sobre este assunto, Scheibe e Aguiar (1999) apresentam uma série de discussões quanto à sua continuação ou extinção, sendo que a identidade e a organização curricular do curso de Pedagogia têm sido alvo de fortes debates, os quais nem sempre apresentam resultados positivos e satisfatórios diante dos anseios dos educadores. O processo de definição da identidade do pedagogo vem, assim, sendo marcado por diversas questões políticas, estendendo-se a problemática para o mercado de trabalho.

Citando Vieira (2015), ao falar de uma escola de Educação Básica, compreende-se o espaço universitário dessa instituição de Rio Verde/GO como sendo:

Plural, múltiplo, colorido, ou seja, repleto de inúmeras vozes. Um palco com diversas identidades/diferenças e com sujeitos marcados por histórias, contextos e culturas diferentes, carregados de marcas culturais e sociais. Uma escola com conflitos, tensões, tramas e diálogos entre as diferentes culturas (p. 173-174).

A Faculdade Almeida Rodrigues dispõe de uma estrutura física direcionada para uma educação independente e inovadora com recursos tecnológicos; proporciona ao corpo docente e discente condições para a concretização dos objetivos propostos, com um corpo docente qualificado, dispondo de mestres e doutores. Deste modo, o Curso de Pedagogia da Instituição fundamenta-se em pressupostos que consolidam uma visão social transformadora, idealizando a formação de um profissional que, pela reflexão, envolve-se numa prática e procura confrontá-la com a teoria, regressando ao cotidiano para depois refazê-la (RODRIGUES, 2018).

Nessa instituição, o curso de Pedagogia foi criado em 2007, e sua estrutura conta com 3.280 horas/aula, a integralizar-se em oito semestres. De acordo com o Projeto Político Pedagógico, o curso tem como objetivo geral a formação inicial para o exercício da docência na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, nos Cursos de Ensino Médio, e em Cursos de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar, bem como em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos, capazes de repensar a educação com espírito crítico, com habilidades técnico-pedagógicas e sociopolíticas para o exercício competente de sua profissão e como formadores de opinião.

Ainda de acordo com o PPC, o graduando do Curso de Pedagogia trabalhará com um repertório de informações e habilidades composto pela pluralidade de conhecimentos teóricos e práticos, cuja consolidação será proporcionada no exercício da profissão, fundamentando-se em princípios de interdisciplinaridade, contextualização, democratização, pertinência e relevância social, ética e sensibilidade afetiva e estética, sendo fundamental para sua formação:

- O conhecimento da escola como organização complexa tem a função de promover a educação para e na cidadania;
  - A pesquisa, a análise e a aplicação dos resultados de investigações de interesse da área educacional;
  - A participação na gestão de processos educativos e na organização e funcionamento de sistemas e instituições de ensino
- Entre as atividades docentes também compreendem participação na organização e gestão de sistemas e instituições de ensino, englobando:
- Planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de tarefas próprias do setor da Educação;
  - Planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de projetos e experiências educativas não-escolares;
  - Produção e difusão do conhecimento científico-tecnológico do campo educacional, em contextos escolares e não-escolares (PPC, 2017, p. 6).

Pela sua importância, o curso de pedagogia da instituição teve seu funcionamento reconhecido por cumprir as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia, constantes na Resolução CNE/CP N° 1, de 15 de maio de 2006, em seu Art. 3º e Parágrafo único.

O curso de pedagogia foi se reestruturando ao longo do tempo, em busca de uma definição e afirmação do seu próprio campo de conhecimento e ação, pois, diante dos impasses e dos debates promovidos pelos profissionais da educação ao longo dos anos acerca da formação e identidade do pedagogo, buscou-se, dentro dessa Instituição, uma definição estratégica para essa tão desejada formação, para que se forme um profissional que possa atender às demandas escolares satisfatoriamente. Além do mais, pode-se perceber, a partir dessa abordagem, que o processo de formação do pedagogo tem se constituído num grande dilema não somente local, mas também nacionalmente, como é o caso da Instituição pesquisada.

Nesse sentido, conforme Libâneo (2001, p. 111) os questionamentos e as ambiguidades sobre a natureza do curso de Pedagogia decorrentes da legislação educacional provocam discussões longas e cansativas. Esse mesmo autor é contundente em afirmar que são mais de 50 anos de controvérsias em torno da manutenção ou extinção do curso, da

pertinência ou não de um campo de estudo próprio à Pedagogia, da formação do professor primário em nível superior, da formação de especialistas ou técnicos em educação, etc.

Ainda pode-se ressaltar que o curso de pedagogia avançou para que exista relevância na projeção de uma identidade moderna, na qual o pedagogo deva vislumbrar a formação didático-pedagógica com dinâmica, eficácia, criticidade e autonomia, ciente do seu dever e fazer pedagógico, que atenda às aspirações da sociedade rio-verdense e de cidades vizinhas, sempre contemplando os requisitos necessários à educação.

Nessa perspectiva, houve uma grande reformulação no curso de pedagogia, afirmando-o nos princípios da interdisciplinaridade e da integração entre ensino, pesquisa e extensão, favorecendo a integração entre teoria e prática e situando o futuro profissional na realidade educacional. A instituição exerce sua plena e legítima função de formar profissionais da educação em todos os níveis, de modo a atender às necessidades emergentes do contexto educacional.

Sobre essa realidade educacional, o art. 64 da LDB 9394/1996 afirma que:

A formação dos especialistas, por meio dos cursos de graduação, a proposta em vigor procura inovar o curso na perspectiva de construir uma sintonia entre a formação dos futuros profissionais e os princípios fixados na LDB, bem como de atender à natureza atribuída, formação teórica, científica, técnica e filosófica aos alunos do curso de Pedagogia, enfatizando, além do processo formativo, questões referentes à identidade do pedagogo como profissional da educação.

Assim, essa Instituição justifica a necessidade de formar profissionais aptos a desenvolver suas funções competentemente, sendo capazes de administrar, supervisionar e monitorar a ação docente dinamicamente, articulados pelo compromisso político, científico e profissional, com vistas a desenvolver um projeto educativo que forme e transforme cidadãos para construir uma sociedade mais democrática, principalmente quando se contempla algumas disciplinas que são verdadeiros leques de introdução sobre o preconceito e racismo contra o negro nas instituições de ensino.

Respondendo ao que significa cursar pedagogia nesta instituição de ensino, pode-se afirmar que significa preparar o estudante para lidar com diversas situações de aprendizagem em diferentes segmentos escolares, pois ela tem como objeto de estudo a educação, sempre buscando melhorar a qualidade dos processos de ensino e aprendizagem. Portanto, os cursos de pedagogia refletem não somente na formação teórico-prática do pedagogo, mas também no processo de construção de sua identidade profissional, visto que esta é uma construção formada socialmente nas relações dinâmicas do processo formativo e prático (GONÇALVES; AZEVEDO, 2008).

## 2.4. Os/As acadêmicos/as negros/as da pesquisa

Ao dissertar sobre os sujeitos da pesquisa, pode-se afirmar que, sem dúvida, o Brasil se destaca como uma das maiores sociedades multirraciais, abrigando um contingente significativo de descendentes africanos dispersos por todos os continentes (MARQUES, 2014). Com base em alguns estudos, pudemos observar que o sujeito considerado negro passou historicamente por um processo de ressignificação; além disso, a denominação raça negra estava carregada de um sentido biológico excludente e era usada para marcar a inferioridade atribuída às negras e aos negros pela sociedade racista.

Assim, a acadêmica (A1) desta pesquisa é uma mulher com 36 anos de idade moradora da periferia, na região zona leste da cidade. Ela está matriculada no 7º Período de Pedagogia, no período noturno. A acadêmica é filha de pais negros. Na infância não teve muitas oportunidades, mas conseguiu terminar o ensino médio.

Quando era pequena nunca sofri preconceito por ser negra, apesar que minha irmã mais nova que eu tenha sofrido. Assim, arrumei um namorado e casei e logo veio um filho, que ao longo dos anos, sempre tentei demonstrar a relevância de nossa raça. Assim, mesmo eu não tenha sofrido racismo, o meu filho sofreu e foi na escola por uma professora onde meu filho estudava. Fiquei tão indignada com a atitude dessa professora, que decidi ser professora também, pois queria ensinar que devemos respeitar o próximo e principalmente sua cor, pois todos somos iguais. Assim posso afirmar que esse episódio foi um dos motivos principais, que me fez despertar a vontade de estudar e ser professora, pois aqui estudando eu percebo, vejo e tenho professores que são exemplos para mim. Assim, posso afirmar que estudar pedagogia só me dá bases e alicerces de continuar intendo que o negro tem sim uma grande chance e possibilidade de ser melhores do que as pessoas julgam que não somos.

A acadêmica (A2) é uma jovem de 21 anos e mora no centro da cidade. Está matriculada no 2º Período de Pedagogia matutino pois, por ser jovem, seu pai preferiu que ela estudasse no período matutino. Ela tem pais negros e nordestinos. Ela, a mãe e os irmãos vieram do nordeste para Goiás há alguns anos; como seu pai se separou da sua mãe e além disso é alcoólatra, perdeu-se o contato com ele. Ela diz que, desde pequena, sofreu preconceito pela sua cor e principalmente pelo seu cabelo, muito crespo; assim, quando cresceu um pouco, insistiu tanto com a mãe que ela mandou alisar, para não ter de ser chamada de “cabelo de nego”.

Assim cresci e fui aos poucos aprendendo a me defender. Cursei o ensino fundamental e neste período me lembro que minhas amigas eram todas brancas e aí tive a idéia de pedir pra minha mãe me pintar. Depois concluí o ensino médio, mas sempre escutando palavras de

preconceito, mas o que me marcou mesmo foi o meu cabelo. Sempre fui uma boa aluna. Me casei nova sem experiência e mesmo casada sofri com o preconceito dentro da família. Assim, resolvi voltar a estudar e fui fazer pedagogia. No começo achei que não daria pra mim pois sou muito tímida e tinha muita dificuldade em falar em público, assim aos pouco fui me soltando, hoje me vejo como professora e o curso de pedagogia contribui para que possamos ter mais horizontes em relação a nossa raça, assim costumo falar que o curso de pedagogia e o lugar onde você vai onde todo mundo deveria fazer curso de pedagogia, pois ele abre a mente das pessoas, mas acho que não será fácil ingressar neste mercado de trabalho (05/04/18).

A acadêmica (A3) é outra jovem, 22 anos, moradora da região sudoeste, num bairro de classe média da cidade de Rio Verde. Ela está matriculada no 3º período de Pedagogia noturno, filha de pai branco e mãe negra descendente de baiana com miscigenação indígena. Quando decidiu fazer o curso de pedagogia, todos na sua casa a incentivaram; ela tem tias que são professoras, mas quando passou no vestibular e foi para sua primeira aula de graduação, seu pensamento era só de parar. O tempo todo ela se perguntava o que estava fazendo aqui, pois era a única negra da sala; assim, ficou um pouco desconfortável, afirma,

porque os olhares as vezes a pessoa não precisa falar nada só do olhar dela a gente já entende. Assim aos pouco fui fazendo amizade com o pessoal da sala, mas graças a deus hoje no terceiro período não tem discriminação nada as pessoas me respeitam. Assim, comecei a estudar, pensando sempre em ter uma profissão e o motivo de escolher o curso de pedagogia, foi perceber que ele pode abrir várias portas, principalmente por ser negra, o curso de pedagogia vem me ajudando muito porque quero mostrar para meus alunos, que a questão da cor não é um empecilho para que a pessoa não possa lutar pelos seus ideais (10/04/18)

Em relação à acadêmica (A4), ela é uma jovem de 26 anos de idade e moradora da região noroeste da cidade de Rio Verde; desde cedo lutou por seus ideais, e está matriculada no 8º período de pedagogia, no turno noturno. É filha de negros, seus avós também são negros, e a bisavó é indígena.

Como hoje eu não tenho para mim não tem tanta diferença não dentro da sala de aula mesmo si por que a gente tratando o bulling o preconceito nunca acaba ne o preconceito ele não para ali por que tem um a palestra sobre o bulling preconceito ele ta ai sempre teve em alta mesmo o negro sempre tem uma diferenciação uma turma de aluno num se aproxima mesmo que aquela turma fale que não tem preconceito mais a gente que é negro sente que a pessoa é diferente para gente então hoje eu me vi, para mim não tem importância eu já sofri muito na educação infantil até mesmo no ensino médio já tive muita divergência muita eu já tive me reagi muito contra isso, agora hoje não me importa mais. Isso não faz mais diferença na minha vida não (10/04/18).

Acadêmica (A5), 26 anos, moradora da região norte, matriculada no 2º Período de Pedagogia matutino, filha de pais negros.

Quando sofro algum preconceito, e nítido as pessoas veem que a gente e negra. No ensino fundamental e médio, sempre via as pessoas zombando talvez ou brincando talvez querendo falar como se fosse verdade lugares públicos. As vezes a gente tenta lidar mais também fica triste por estar sendo excluída do padrão da sociedade. Assim, quando decidi cursar pedagogia, pude me imaginar ensinando aos alunos sobre discriminação, racismo, preconceito. Assim mesmo no segundo período, tento me esforçar ao máximo na área do conhecimento, para que quando formar eu possa mostrar aos meus alunos a melhor forma de se lidar, aceitar e a não ser preconceituosa com as outras pessoas (11/04/18).

A acadêmica (A6) tem 37 anos, e entre as entrevistadas é a mais velha, filha de pais negros; mora na região leste. Desde pequena sempre gostou de estudar, mas como seus pais eram humildes, ela teve de escolher entre estudar ou trabalhar. Mas sempre teve o pensamento que um dia iria se formar. Está matriculada no 8º Período de Pedagogia noturno.

Quando era criança sofri muito com meu cabelo e minha cor. Comecei a trabalhar muito nova e pude ver que sem um curso superior eu não alcançaria o perfil adequado ao mercado de trabalho. Assim, quando falei que ia prestar o vestibular, todos duvidaram da minha capacidade aí prestei o vestibular e passei. O motivo de escolher a pedagogia, eu vejo que ela me abriu assim muito os olhos para essa questão essa visão mesmo, de que antes de fazer faculdade eu imaginava que só poderia ser empregada doméstica. Eu só poderia ser babá eu não tinha outra visão, hoje não hoje eu vejo que tenho potencial hoje eu vejo que eu posso tudo e não é por que sou negra que não posso, eu posso depende de mim. Assim, vejo que o curso de pedagogia contribui de que forma de valorização a pessoa, abrindo os nossos olhos para novos horizontes (12/04/18).

Em relação à acadêmica (A7), é uma mulher de 25 anos, filha de pais negros, avô e bisavô indígenas; “é uma mistura de raças, mas pegamos mais a raça negra”. Ela é moradora da região sudoeste, mora numa casa alugada e está matriculada no 6º Período de Pedagogia noturno.

Sempre me destaquei por ser negra, tive muitos apelidos em relação a minha cor mas sempre levei numa boa. Tive uma boa educação em casa, acho que isso me ajudou ao longo da vida, mas mesmo assim na família pude presenciar diversas vezes o preconceito de alguns familiares. Cresci ouvindo que o negro não pode fazer uma faculdade, o negro não pode ser um advogado, aí quis mudar esse pensamento. Com isso decidi fazer pedagogia para poder ensinar aos meus alunos que o negro pode ser o que ele quiser, e esse curso tem me ajudado bastante, as experiências vividas em sala de aula e os estágio tem me tornado uma pessoa mais conhecedora de meus valores e de meus direitos (16/04/18).

Sobre a acadêmica (A8), ela tem 25 anos, é filha de pais negros e veio de outro estado junto com seus pais, para tentarem uma vida melhor. É moradora da região norte, onde na adolescência conviveu com muita violência, vendo suas colegas sempre entrando na prostituição e nas drogas. Está matriculada no 6º Período de Pedagogia noturno. Já sofreu preconceito por ser negra e por ser de outro estado.

Terminei o ensino médio e comecei a trabalhar, mas sempre quis trabalhar na área da educação. Ai prestei vestibular e passei. No começo foi muito difícil, ganhava pouco e meu esposo quase sempre não podia me ajudar. Mas insisti, porque sempre quis ser professora e vejo que escolhi a profissão certa e ela tem me ajudado bastante, pois quando você é acadêmico de uma forma ou de outra você ganha novos olhares pelo fato de ser, as vezes pelo fato de ser pedagogia há uma certa desvalorização, mais também uma valorização (18/04/18).

A acadêmica (A9) tem 29 anos, é moradora da região norte, em que há uma das maiores taxas de violência e discriminação na cidade de Rio Verde. Está matriculada no 6º Período de Pedagogia noturno. Veio do nordeste ainda pequena e já se considera uma goiana. É filha de mãe negra e pai branco, além de ter descendentes índios e nordestinos.

Eu já sofri quando eu era pré adolescente eu sofri muito na minha terra mesmo, meus amigos, até amigos mesmo. Depois que vim para cá as coisa mudaram um pouco, e não sofro como antigamente. A escolha do curso de pedagogia foi um sonho realizado e o curso de pedagogia tem me ajudado a aprender a buscar e a lutar pelos meus direitos, a me assumir totalmente como sou. Assim, esse curso só veio a enriquecer meus conhecimento, mostrando que a gente é capaz de alcançar nossos objetivos quando a gente busca por uma qualidade de ensino melhor e por uma profissão (25/04/18).

O mestiço representa a integração nacional, e é visto como uma prova de que nós, brasileiros, não somos racistas e nem temos como ser, afinal, somos todos mestiços, uma mistura de raças, quase brancos. Pinsky (1988) nos fala que quando guardamos o fantasma no armário, deixamos de lutar contra o preconceito e a discriminação racial.

O acadêmico (A10) é um homem de 24 anos, que mora na região central. É filho de mãe branca e pai negro. Está matriculado no 6º Período de Pedagogia noturno.

Mesmo tendo a cor negra, sempre fui respeitado nunca precisei tipo demonstrar, falar para as pessoas. Mesmo observando que a pedagogia é mais contemplada pelo sexo feminino, meu sonho era ser professor, então não quis tentar outro curso, terminando o ensino médio fui logo prestando vestibular no curso de pedagogia. O motivo que me levou a escolher essa profissão, veio dos meus professores primários, pois desde sempre eu falava que essa era a minha profissão. Assim, mesmo estando no sexto período, já temos vivencia de sala de aula, onde poderei ensinar aos meus alunos as formas corretas que a raça possui (19/04/18).

O acadêmico (A11) tem 25 anos, morador da região norte, está matriculado no 7º Período de Pedagogia noturno, filho de pais de pele escura. E explica que manifesta a sua identidade o tempo todo, pois ele se aceita como negro, mesmo que cotidianamente receba discriminação por sua cor.

Quando terminei o ensino médio, fiquei meio confuso em qual curso eu iria fazer, porque muitas pessoas discrimina o homem que quer ser professor, pois o mundo do magistério é considerado um mundo feminino. Mas não tive dúvida e escolhi a profissão que sempre almejei e hoje o curso contribui bastante porque é esse profissional a pessoa habilitada a ensinar da melhor forma possível essas diversidades (24/04/18).

Em relação à acadêmica (A12), é uma jovem de 20 anos, moradora da região central da cidade. Estudou em boas escolas e, como boa aluna, sempre quis ajudar os colegas que tinham dificuldades. Assim, resolveu ser professora, passou no vestibular e ali estava ela, matriculada no 3º Período Matutino. Teve uma infância alegre; descendente de tataravós que eram escravos, mesmo sempre sofrendo preconceito, lutou pelos seus direitos, não aceita ser discriminada. Com esse pensamento, resolveu que queria ser professora para poder repassar de forma clara os assuntos referentes à questão do preconceito.

Assim, posso dizer que o curso de pedagogia tem me ajudado muito não só assim na identidade negra, mas nos outros passos também com as disciplinas atividades proposta na sala (27/04/18).

Assim, na sociedade brasileira, admitir a existência da democracia racial e a ideia de mistura harmoniosa entre as etnias/raças é afirmar que não temos problemas de discriminação contra as negras e os negros, sob a justificativa de que elas e eles já estão incorporados à identidade nacional. É também esquecer séculos de colonialismo e as suas implicações.

Não podemos deixar de mencionar que as representações das identidades negras estão ligadas também à construção de um “nós”, de um vínculo coletivo com uma comunidade. O pertencimento a uma comunidade é representado em expressões como “afro”, “afrodescendentes”, “afro-brasileiros”, “cultura negra”, “identidade negra”, “raça/etnia negra”, “comunidade negra”, entre outras. Nesse sentido, na produção desse laço coletivo com o “nós”, vemos o que há de comum em nossas lutas e que não estamos sozinhos nas batalhas cotidianas. “Esse ‘nós’ possibilita o posicionamento do negro diante do outro e destaca aspectos relevantes da sua história e de sua ancestralidade” (GOMES, 2006, p. 37).

No próximo capítulo, serão apresentados alguns acadêmicos negros do curso de pedagogia e suas identidades e diferenças, apresentando a trajetória educacional e social dos estudantes da Faculdade Almeida Rodrigues da cidade de Rio Verde/GO.



### **CAPÍTULO III**

#### **OS ACADÊMICOS NEGROS DO CURSO DE PEDAGOGIA E SUAS IDENTIDADES E DIFERENÇAS**

Nesse capítulo busco responder o objetivo da pesquisa, buscando compreender como os acadêmicos negros do curso de Pedagogia de uma faculdade de Rio Verde/GO defendem seus posicionamentos, identidades e diferenças. Utilizamos os termos identidades e diferenças, Silva (2006) escreve que ambas estão intrinsecamente ligadas, uma depende da outra. Além disso, identidade é um conceito discutido e utilizado de diferentes formas e em diferentes campos do conhecimento.

No rastro dessa discussão, apoio-me nos estudos de Hall (1997) para compreender que a identidade é um processo discursivo, que vem com uma formação cultural e conforme as circunstâncias históricas e pessoais levam o sujeito a assumir determinadas posições. Ainda de acordo com o autor, a identidade resulta de um processo de representações e identificações que permite aos diferentes indivíduos apropriar-se de significados e posicionar-se nos discursos.

Como estamos nos referindo a dois conceitos, identidade e diferença, a diferença, nesse trabalho, é compreendida como aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções (SILVA, 2006). Em outras palavras, ainda apoiado no autor podemos verificar que

a identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora (SILVA, 2006, p. 82).

Amparado em autores como Stuart Hall (2006) e Silva (2009), ambos já mencionados, procuro um diálogo com Gomes (2002) e Bhabha (1998) para descrever os preconceitos e as discriminações vividas pelos acadêmicos negros do curso de Pedagogia nos mais diferentes espaços sociais, e apresentar as contribuições do curso de Pedagogia para a produção da identidade negra no espaço da faculdade e em outros ambientes.

### 3.1 As identidades negras produzidas pelos acadêmicos de Pedagogia

Pensar a identidade dos acadêmicos negros no curso de Pedagogia de uma faculdade privada de Rio Verde/GO é um desafio, visto que as identidades são produzidas pelos sujeitos/acadêmicos nos mais variados momentos, nas identificações/diferenciações feitas na relação, no encontro, ou seja, no contato com os outros/as e nas/pelas narrativas históricas oficiais/não-oficiais (HALL, 2004; SILVA, 2013; WOODWARD, 2000). No diálogo com Silva (2013) e Gomes (2017) é possível observar que a escola, a universidade e demais associações são locais de produção das identidades negras, mas não são os únicos.

Hall (2006) nos esclarece que escrever sobre identidade não é tarefa simples, pois o conceito de identidade é algo complexo, que não é único, mas está em constante processo de transformação. Deste modo, pode-se dizer que a construção identitária da população negra brasileira, como explica Silva (2009) é prejudicada pelo racismo e pelo silenciamento que estruturou as relações étnico-raciais aqui estabelecidas.

Na atualidade, o preconceito e a discriminação baseada em critérios étnico-raciais estão entre os principais motivadores da evasão escolar das pessoas negras. A escola como uma instituição que reproduz as estruturas da sociedade também reproduz o racismo, como ideologia e como prática e relações sociais que se inviabiliza e imobiliza as pessoas, inferiorizando-as e desqualificando-as em função da sua raça ou cor (SILVA, 2009, p. 19).

As entrevistas da presente pesquisa nos levaram a avaliar que existe uma ausência da discussão sobre a questão étnico-racial no espaço acadêmico, como encontrado aqui nas entrevistas. Mas, segundo uma das acadêmicas do curso de Pedagogia que mais trabalha com essa discussão, existe uma resistência da comunidade acadêmica negra em realizar esse debate e tratá-lo pedagogicamente dentro da sala de aula. Dialogando com o coordenador do curso, que também é negro, uma das possibilidades pode estar ligada ao racismo já sofrido.

As entrevistas com os acadêmicos negros do curso de Pedagogia apresentaram uma diversidade de informações sobre as produções das identidades negras nesse espaço da faculdade, assim como também fora dele.

Quando eu me manifesto, geralmente é numa roda de bate papo dentro da sala de aula quando a gente está falando de etnias, de culturas e de raças. Aí a gente fala muito sobre o negro, sobre o nordestino, por exemplo: aí que eu vejo que eu defendo a minha classe negra, a minha raça por que hoje no Brasil por mais que as pessoas tenham preconceito com negro, o mais branquinho que existe tem o sangue do negro na veia. Esse é o momento que mais manifesto a minha cor na faculdade (ACADÊMICA A1, 03/04/18).

Revivendo o contexto histórico da minha vida e observando a colonialidade presente nos diferentes momentos, vejo que afirmar, reconhecer ou assumir a identidade negra exige alento (SANTOS, 2016; SILVA, 2013; GOMES, 2010). Por esse motivo, em muitos momentos os acadêmicos negros do curso de Pedagogia acabam silenciando nas discussões que ocorrem nos grandes grupos e apenas se manifestam nas pequenas rodas de sala de aula e de amigos. De acordo com os estudos de Bhabha (1998), esse processo de silenciamento e manifestação pode ser entendido como um processo de negociação dos acadêmicos negros no espaço da faculdade.

Com base no autor, a negociação seria como uma “estrutura de interação que embasa os movimentos políticos que tentam articular elementos antagônicos e oposicionais sem a racionalidade redentora da superação dialética ou da transcendência” (p. 52). Nesse sentido, os acadêmicos negros da faculdade conseguem abrir “lugares e objetivos híbridos de luta e destroem as polaridades negativas entre o saber e seus objetos” (BHABHA, 1998, p. 51).

Utilizando outras palavras, podemos dizer que “assumir a identidade negra é se colocar como pertencente ao grupo que luta contra a visão inferiorizada veiculada por esta cultura. Parece mais simples se esconder desse embate, pois muitas atitudes existem há séculos e ainda reprimem quem é negro nos dias de hoje” (SANTOS, 2016, p. 97).

Eu me manifesto negra na faculdade quando eu vou lutar pelos meus direitos. Por que todo mundo sabe que negro é discriminado. mais não nego minha raça. Sou negra, com muito orgulho e também quando vou atrás, quando vou atrás do meu objetivo (ACADÊMICA A8, 18/04/18).

A entrevista da acadêmica 08, negra, do curso de Pedagogia, nos apresenta uma identidade produzida na luta de um contexto político, o que se torna um fator importante de mobilização (WOODWARD, 2000). Segundo Backes (2006),

[...] quando os sujeitos frequentam o ambiente universitário, quando este ambiente passa a fazer parte do seu universo social e cultural, estes passam a ter mais força para reivindicar direitos, questionar atitudes discriminatórias, desconstruir o mito da democracia racial, construindo uma identidade cultural/racial/étnica de forma a se verem e serem vistos pelos outros como uma identidade legítima, que não pode ser usada para justificar a dominação e a exploração econômica, como se fez e se faz no Brasil desde os tempos da colonização (p. 441).

As conquistas do povo negro e a valorização de sua identidade caminham juntas, em todas as áreas do conhecimento e em todos os lugares e profissões. Por esse motivo, apresento um trecho da música “Sou Função”, de Dexter (2006), conforme descrita abaixo. O enunciador poetiza seu orgulho em ser preto e poder cantar a música negra, haja vista que esta

se torna ferramenta política para a valorização de sua história, denunciando e questionando as desigualdades raciais, bem como demonstra a reconstrução positiva de sua identidade negra.

Muito amor, muito amor, pelo som, pela cor  
 A herança tá no sangue, louvado seja o meu senhor.  
 Que me quis, descendente de raiz.  
 Preto, função, sou sim, sou feliz.  
 Favelado legítimo, escravo do ritmo.  
 Dos becos e vielas eu sou amigo íntimo.  
 Dexter o filho da música negra  
 Exilado sim, preso não, com certeza  
 O rap me ensinou a ser quem eu sou  
 E honrar minha raça pelo preço que for  
 Dos vida loka da história eu sou um a mais  
 Que te faz ver a paz como um soro eficaz (DEXTER; BROWN;  
 RACIONAIS MC'S, 2006)<sup>4</sup>.

Em continuidade às entrevistas com os acadêmicos negros do curso de Pedagogia, ainda com relação à produção da identidade negra afirmada pelos acadêmicos, observo que a raça, a cor da pele e os cabelos também entram em suas vidas, quando o assunto é identidade negra, como ressaltaram as acadêmicas A2 e A6:

Eu acho que com meu cabelo. Por que meu cabelo ele é crespo e enrolado até que cortei eu alisava o cabelo, aí cortei o cabelo antes de estudar e eu fiquei com receio de estudar e nos primeiros dias eu só vinha de cabelo amarrado. Eu acho o maior jeito de manifestar o meu ser negro é meu cabelo, por ele ser crespo né, Black Power lá em cima, eu acho que isso (ACADÊMICA A2 05/04/18).

Como muito orgulho, hoje eu até assumi meu cabelo. Por que igual eu falei quando eu criança eu sempre via aquelas meninas de cabelo lisinho, eu achava aquilo um máximo né as meninas tudo bonita para mim. Ser bonita para mim era ter cabelo bom, o cabelo liso. Só que eu fui vendo que não, que nós temos uma beleza e é muito linda aí eu comecei a olhar as outras pessoas negras e comecei a ver essa beleza, aí falei gente eu também sou assim é a minha raça e eu sou também linda da maneira que eu sou por isso (ACADÊMICA A6 12/04/18).

Nas duas entrevistas das acadêmicas negras do curso de Pedagogia é possível verificar uma preocupação com a questão do cabelo. Uma preocupação no que se refere a aceitação e o significado de ser bonito. O cabelo crespo e o corpo negro sempre foram alvo de discussões e estudo de alguns autores, principalmente Gomes (2002). Para Hall (2003), o corpo e o cabelo negro podem ser uma marca de identidade, pois, nesse caso, “negro” pode se tornar uma categoria de essência.

Segundo Gomes (2002),

---

<sup>4</sup> Álbum **Exilado Sim, Preso Não!**

[...] O estudo sobre o corpo e o cabelo, como ícones da identidade negra presentes nos processos educativos escolares e não escolares, poderá apontar-nos outros caminhos além da denúncia da reprodução de preconceitos e estereótipos. A manipulação do cabelo do negro e da negra, nessa perspectiva, pode ser vista como continuidade de elementos culturais africanos ressignificados no Brasil (p. 50)

No livro “O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação”, que resulta da sua experiência de pós-doutoramento, Gomes (2017) escreve que “o corpo negro não se separa do sujeito” (p. 94). Em outros escritos, a autora explica que, mesmo que reconheçamos que a manipulação do cabelo seja uma técnica corporal e um comportamento social presente nas mais diversas culturas, para o negro e, mais especificamente, para o negro brasileiro, esse processo não se dá sem conflitos. Estes embates podem expressar sentimento de rejeição, aceitação, ressignificação e, até mesmo, de negação ao pertencimento étnico/racial. As múltiplas representações construídas sobre o cabelo do negro no contexto de uma sociedade racista influenciam o comportamento individual.

As duas entrevistas das acadêmicas negras do curso de Pedagogia apresentam aquilo que Gomes (2017) nos escreve como corpo regulado. Ele é entendido como um corpo “estereotipado por um conjunto de representações que sustentam os ideais de beleza corporal branca, eurocentrada [...], em contraposição a pele preta” (p. 96).

Em consonância com as discussões apresentadas, mais precisamente com a entrevista da acadêmica negra A6 que menciona o “orgulho que possui hoje ao assumir o cabelo”, pode-se observar que fica evidente para os acadêmicos negros do curso de Pedagogia que o cabelo crespo e a cor da pele negra parecem um marcador identitário que autentica sua pertença racial. Sobre esse assunto, o estudo de Kaerche (2005) ressalta que o cabelo demarca a constituição do sujeito como negro ou branco, assim como os outros traços fenotípicos: nariz, lábios e cor.

Sendo assim, conforme elucida Costa (2017), a identidade é marcada por categorias que potencializam a sua diferença, pois a identidade é relacional, se desloca quando acrescentamos mais categorias à sua compreensão e, portanto, ela adquire sentido na linguagem social e nos sistemas simbólicos nos quais é representada. Essa representação classifica o mundo, suas relações e os sujeitos através de grupos sociais, famílias, escola, espaços sociais de interação; assim, a identidade de pessoas negras, vistas em determinados lugares privados com *status* de riqueza é, na maioria das vezes, menos considerada e menos respeitada.

A identidade tem marcadores sociais de diferenciação. Esses marcadores se estabelecem em lugares distintos numa estrutura social. É importante ressaltar, apoiado em Hall (2003), que esses marcadores sociais auxiliam os sujeitos na construção de suas identidades, assim como na sua produção. Por esse motivo, para compreender o processo de construção identitária, é importante perceber que as diferenças raciais, como assinala Hall (2003), “não nos constituem inteiramente, somos sempre diferentes e estamos sempre negociando diferentes tipos de diferenças – de gênero, sexualidade e de classe” (p. 343).

Na entrevista da acadêmica A5, negra, no momento em que menciona que: “Quando sofro algum preconceito, é nítido as pessoas veem que a gente é negra” (ACADÊMICA A5, 11/04/18), ela mostra as relações assimétricas de poder impostas pela colonialidade. Relações marcadas pela superioridade, marginalização, inferiorização, silenciamento, hierarquização e dominação. Em outras palavras, são grupos populacionais que

têm sido posicionados nas margens da sociedade branca ou como obstáculo para a implantação dos valores indígenas, sendo vistos como ervas daninhas que devem ser eliminadas (período colonial propriamente dito), sufocadas/incorporadas [...] (BACKES; NASCIMENTO, 2011, p. 25).

Entre os 12 (doze) acadêmicos negros entrevistados do curso de Pedagogia, somente uma delas ressaltou que nunca se manifesta, conforme descrito no texto abaixo:

Eu nunca manifesto a minha identidade. Isso somente acontece quando as pessoas me perguntam se sou negra, aí, eu assumo. Por que eu sou negra e venho de família totalmente puramente negra. O único que não é negro é meu pai. O que diz que é meu pai, ele tem a pele branca mas na realidade querendo ou não ele tem o sangue negro por que existe uma certa mistura né? Então, eu tenho uma pele amarelada por que puxa para ele, a raça da minha mãe é bem negra mesmo (ACADÊMICA A9, 25/04/18).

Nas entrevistas com os acadêmicos negros do curso de Pedagogia encontramos aqueles que revelam que são respeitados e aceitos pelos outros, no momento que afirmam sua identidade negra.

Eu acho que nunca foi preciso. Primeiro, eu vejo assim, [...] quando eu entrei aqui fui respeitado. Nunca precisei tipo demonstrar, falar para as pessoas (ACADÊMICO A10, 19/04/18).

Eu manifesto minha identidade o tempo todo porque não adianta eu querer ser branco, porque eu não sou. Eu tenho de me aceitar da forma que eu sou e da cor que eu sou com maior orgulho. A maioria das vezes sim as vezes até passei por uma entrevista eu não consegui entrar por conta da minha cor por que tem mais pessoas brancas (ACADÊMICO A11, 24/04/18).

De uma forma clara simples não atacando mas se me perguntar tá. você e de que cor respondo eu sou negra (ACADÊMICO A12).

As entrevistas dos acadêmicos negros do curso de Pedagogia nos mostram, primeiramente, que a “identidade é simplesmente aquilo que se é” e que, da maneira como é mencionada, a identidade “parece ser uma positividade” (SILVA, 2000, p. 74). Nas falas, ainda é possível perceber o quanto a identidade e a diferença estão numa relação de dependência (SILVA, 2000; WOODWARD, 2000).

Após uma tentativa de escuta e descrição das identidades negras produzidas pelos acadêmicos do curso de Pedagogia, seja ela no espaço da faculdade ou em qualquer outro espaço educacional ou educativo, é o momento de apresentar as falas vivenciadas e marcadas pelo preconceito e pela discriminação.

### **3.2. “Eu lembro de um episódio que eu falei para minha mãe que queria me pintar.” As identidades negras e o preconceito.**

Sobre os episódios de preconceito contra a identidade negra, os acadêmicos do curso de Pedagogia que fazem parte de pesquisa nos relataram em algumas entrevistas que já sofreram preconceito por serem negros. Estudos de Gomes (2002; 2017), Backes (2006), Santos (2016), Silva (2013) nos mostram que existem inúmeras formas de preconceito e estereótipo. Em muitas situações acabam posicionando essa população como sujeitos à margem da sociedade.

A discussão e a situação em que também me insiro revelam a necessidade urgente de elaboração e implementação de políticas públicas para as pessoas negras, principalmente para tentar combater essas situações impostas pela sociedade que ainda vive com um ideal de branquidade. Segundo o grande líder Nelson Mandela, “Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar” (CARVALHO, 2011, p.1).

De acordo com o grupo de acadêmicos negros do curso de Pedagogia, o preconceito é vivenciado desde a infância e permanece até a vida adulta, mesmo com o agravamento dessas opressões, que muitas vezes aparecem por meio da violência, de abusos e assédios. Diante dessa questão, recordei uma parte da entrevista realizada com um acadêmico do curso em discussão, quando menciona que “Eu lembro de um episódio que eu falei para minha mãe que queria me pintar. As identidades negras e os preconceitos” (ACADÊMICO A2, 05/04/18). A partir desse fragmento que intitula um subtítulo desse capítulo, busco apresentar

as falas de nossos entrevistados, principalmente suas experiências vividas no que se refere ao preconceito e à discriminação na sua produção de identidade.

Agora depois que cresci não. Eu aprendi acho que me defender, mais no ensino fundamental e médio. Eu sofri demais em relação a ser negra, por que todas as amigas eram todas branquinhas tinha até uma que era loira bem branquinha e eu sofria muito. Eu lembro de um episódio que eu falei para minha mãe que queria me pintar. Lembro disso até hoje, eu era pequena mais eu falei que queria me pintar por que minhas colegas eram branca e eu já sofria muito pelo cabelo, pelo cabelo ser enrolado e por causa da cor da pele eu sofria um pouco com o preconceito no ensino fundamental e ensino médio (ACADÊMICA A2, 05/04/18).

[...] Minha mãe sempre chegou em mim e conversou. Você tem de olhar seu caráter, né. [...] sempre falei que eu num gosto da minha cor, realmente eu não gosto. Ah eu acho bonita uma pessoa branca, eu não sei por que eu olho assim no espelho e eu não gosto da minha cor não sei te dizer por que não. Como eu disse, nas escolas não mas entre os familiares sim já sofre bastante racismo sim. Até com meus irmãos também por que meus irmãos são todos brancos né. Como eles dizem eu sou a rapinha do tacho (ACADÊMICO 16/04/18).

As falas das acadêmicas evidenciam o quanto sofrem com o padrão eurocêntrico de beleza nacional, padrão que idealiza mulheres de corpo branco, cabelos lisos ou loiros e magras. Uma beleza produzida por uma sociedade em que a branquidade assume um valor dominante, hegemônico e silenciador. Utilizando outras palavras, Fernandes e Souza (2016) escreve que “o corpo passa a ser expressão da identidade e as diferenças corporais são utilizadas para justificar a hierarquização social” (p. 107).

Os episódios narrados pelas acadêmicas negras de “querer se pintar enquanto criança” e de “não gostar da sua cor”, nos mostram o quanto essas meninas negras tinham vontade de estar no lugar do Outro. Com base nos estudos de Bhabha (1998), não existe um colonizado que não sonhe em ocupar e se ver no lugar do colonizador. Ainda, de acordo com o autor, “a identificação nunca é a afirmação de uma identidade pré-dada, nunca uma profecia autocumpridora – é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem” (p. 76).

Assim, comigo a primeira vez não lembro, mais foi na escola em relação ao cabelo. Tinha uma menina que sentava na minha frente, tinha o cabelo liso era bem branquinha do cabelo preto, e ela jogava o cabelo em cima da mesinha. Ela vivia jogando o cabelo na minha mesinha, lembro dela falando assim que meu cabelo não mexia por que meu cabelo era ruim por que eu era negra. Você é preta, você é pretinha seu cabelo não mexe seu cabelo sempre vai ser duro, então assim foi uma coisa que me marcou muito, essa questão dela jogar o cabelo em cima da mesinha me marcou muito (ACADÊMICO A2, 05/04/18).

O cabelo é um dos elementos que mais observamos no corpo do sujeito. Por esse motivo que muitos negros sofrem discriminação desde a infância, o que significa que o cabelo da pessoa negra passa ser o elemento fundamental para a prática do racismo. De acordo com Gomes (2002) “existem, em nossa sociedade, espaços sociais nos quais o negro transita desde criança, em que tais representações reforçam estereótipos e intensificam as experiências do negro com o seu cabelo e o seu corpo. Um deles é a escola” (p. 44).

Ainda, realizando um diálogo com a autora, é possível verificar que

[...] A rejeição do cabelo pode levar a uma sensação de inferioridade e de baixa autoestima contra a qual se faz necessária a construção de outras estratégias, diferentes daquelas usadas durante a infância e aprendidas em família (GOMES, 2002, p. 47).

As entrevistas dos acadêmicos negros do curso de Pedagogia da faculdade de Rio Verde/GO também revelaram que o preconceito e a discriminação não ficaram somente no espaço escolar durante o processo de escolarização. Houve uma fala que demonstrou essa ação, no momento em que a acadêmica foi se candidatar a uma vaga de emprego em uma escola do município.

Eu fui procurar emprego em uma escola particular e eu senti na hora que não fui contratada, não pelo meu potencial, mais pela cor. Eu senti na hora. As pessoas que eles escolheram era mais clarinha, entendeu? Esse mais clarinha tem um padrão de beleza? [...] A sociedade tem muita essa coisa que os negros não são bonitos, quem é bonito e o loirinho de olho azul e o moreninho não. Ai eu comecei a ver como era os funcionários, comecei a observar a escola, e vi que eu não estava adequada ao perfil (ACADÊMICA A6, 12/04/18).

Quando eu comecei estudar aqui dava para ver um certo olhar diferente né nas pessoas, até, porque quando comecei no primeiro período a única negra da sala seria eu e você fica assim meio desconfortável porque os olhares as vezes a pessoa não precisa falar nada só do olhar dela a gente já entende. Na adolescência, mais precisamente no ensino fundamental até no ensino médio. Estudava em uma sala que somente existia só brancos, pessoas brancas e você e a única negra fala assim até os professores mesmo como se diz mesmo para te chamar eu não te chamava pelo nome a negrinha lá do fundo. Muitos colegas riam, ficavam fazendo piadinhas e por não ser só nem só por ser negra mais também gordinha sempre teve essa questão eles fala aaaaa gordinha negra esses comentários assim, no meu caso não me afetava muito mas eu tinha muitos colegas que não gostavam disso. Eu sei que sou negra e tenho orgulho disso então os comentários dele não me afetava, hoje muito menos que eu não sofro mais então não me afeta mesmo só que isso ainda existe muito (ACADÊMICA A3, 10/04/18).

A entrevista da acadêmica A6 e A3 me faz revisar os escritos de Santos (2010) quando este menciona que a sociedade determina a “maneira como somos vistos [...], em parte, como somos tratados” (SANTOS, 2010, p. 523). Em outras palavras, estamos falando

de uma sociedade que nos orienta e direciona a uma percepção de ver o outro, uma sociedade que regula, normaliza, determina, classifica, marginaliza e, ao mesmo tempo, inferioriza a pessoa.

De acordo com Fernandes e Souza (2016)

o racismo dificulta o diálogo entre os diferentes grupos que compõe a sociedade brasileira, pois cria fronteiras simbólicas rígidas, estabelecendo binarismo identitários, ou seja, uma identidade do que é “ser negro” contraposta ao que é “ser branco”, baseadas em estereótipos negativos para os primeiros e positivos para os últimos. O racismo é assim uma forma de negação ou de e mistificação da alteridade da população negra, fixando-a em estereótipos, atribuindo-lhe uma essência de inferioridade e maldade, não reconhecendo suas diferenças (p. 106).

No momento em que a acadêmica A6 menciona que “não estava adequada ao perfil” da escola, recordo que “fixar uma identidade como norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças” (SILVA, 2014, p. 83). É importante ressaltar que, na entrevista da acadêmica A3, a discriminação/o preconceito não ocorreram no espaço da faculdade até o momento, tendo em vista que cursa o terceiro período. A mesma relatou que todas as ações vivenciadas de preconceito ocorreram durante o processo de escolarização, não somente pelo fato da sua pele negra, mas também por estar acima do peso.

Paralelamente à questão educacional, verifica-se a desigualdade ao acesso ao mercado de trabalho e à distribuição de renda (IBGE, 2015). A inserção de negros no mercado de trabalho tem aumentado, mas isso não significa que as distorções tenham desaparecido. As disparidades se acentuam no prosseguimento da carreira, em função, sobretudo, do nível de escolaridade e do racismo (MARQUES, 2014)

Sim uma vez na escola eu tinha dezessete anos um colega meu falou que não iria colocar eu no certo trabalho porque eu era negro. No começo eu fiquei meio chateado a até conversei com minha mãe não queria estudar mais por conta disso e a gente se sente ofendido porque não e a cor da pele que joga o caráter da pessoa (ACADÊMICO A11. 24/04/18).

Me olha de um jeito diferente. No quinto ano, a professora falou sua negra da licença da minha sala vc não estuda na minha sala não quis deixar eu estudar na sala dela porque eu era amais escura da sala. Procurei meus direitos. Conversei com meus pais em casa e a gente foi para justiça. Ela teria que pagar mais de dois anos de cesta básica para gente (ACADÊMICO A12.27/04/18).

Muitas vezes eu até deixo de lado, não vale a pena você discutir essas questões, as vezes até tento ir mais vejo que não há necessidade. Sim , Recente eu, como já falei venho de outro estado e o que acontece eu comprei uma casa eu e meu esposo compramos uma casa. Ai é no bairro liberdade a vizinha nem conhecia a gente mais ela veio lá perguntar se minha casa era uma república que mora tanto em minha casa. E pelo fato dele achar que agente e negro e ta vindo de outro estado. (ACADÊMICO A8;18/04/18).

Sobre esse assunto, Marques (2014) elucida que as desigualdades entre brancos e negros ainda permanecem em todos os setores da sociedade e na educação, apesar das políticas públicas de promoção da igualdade racial e ações afirmativas, em curso há mais de uma década. As disparidades se encontram em todos os níveis da educação e aumentam quando se verificam as desigualdades por regiões brasileiras.

Quanto aos os entrevistados que responderam à questão de se lembrar de um episódio sobre preconceito como em “Eu falei para minha mãe que queria me pintar. As identidades negras e os preconceitos”, alguns entrevistados lembraram que sofreram preconceito na faculdade; assim, os relatos nos levaram à percepção de que as discriminações sofridas na infância são adensadas na adolescência e muitas vezes na vida adulta, inclusive manifestando-se sob novas roupagens ainda mais perversas, com o acirramento das questões relacionadas ao gênero, quando muitas pessoas negras são submetidas a um duplo processo de discriminação.

Sim as vezes as pessoas tentam reverter a situação tipo falar que não tem preconceito já sendo preconceituosa a vamos supor um exemplo, você não é negra, mas por exemplo “você poderia parar de tomar sol” aí é nítido isso tipo essas coisas. [...]. As vezes a gente tenta lidar mais também fica triste por estar sendo excluída do padrão da sociedade certo deve ser pessoa clara eles acham que são as pessoas mais bonitas (ACADÊMICO A5;11/04/18).

Com tantas notícias sobre preconceito, é difícil aceitar que alguém diga que a pessoa negra nunca sofreu preconceito no Brasil, pois muitos se levantam para dizer que isso é uma inverdade. Sobre o preconceito, o estudo de Chermin (2013) esclarece que, em geral, este se manifesta através de atitudes discriminatórias diante de pessoas, credos, cultura, forma de pensar ou agir. Pode-se dizer que o preconceito deixa de lado qualquer norma de respeito, humanidade e convivência social em nome da crença de uma superioridade, seja ela física, cultural, econômica etc. Essa forma de pensar é respaldada, muitas vezes, pelas representações sociais.

Nesse sentido, pensando nas situações e ações discriminatórias vividas e sofridas pelos acadêmicos negros, é que houve a intenção de verificar as contribuições que o curso de pedagogia da faculdade privada de Rio Verde/GO tem realizado para a produção da identidade negra.

### 3.3. A contribuição do curso de Pedagogia para a identidade negra

Depois de ter a experiência de, por meio das entrevistas, escutar os acadêmicos negros do curso de pedagogia quanto a situações de preconceito e discriminação e compartilhar no trabalho algumas dessas marcas vividas por eles, parto da compreensão de que o racismo gerou e continua gerando diversos efeitos. Por esse motivo, necessita com urgência ser combatido, trabalhado e desconstruído desde a primeira idade, pois essa construção poderá ser comprometida, devido a instrumentos e comportamentos pedagógicos por parte dos docentes dos diversos cursos e principalmente do curso de Pedagogia, que carregam os mesmos conteúdos preconceituosos que a sociedade acadêmica demonstrou em relação ao negro, quando estes acadêmicos começaram a se alfabetizar.

É importante registrar que o Movimento Negro Brasileiro vem trabalhando na busca de conquistas de novos espaços nos quais a representação da identidade do negro possa ser repensada, desconstruída, ou melhor, descolonizada. Sabemos que isso é necessário em todos os espaços/contextos sociais, mas é fundamental que iniciemos uma força tarefa em nosso ambiente escolar, seja ele em nível básico ou superior.

A escola, enquanto instituição social responsável pela organização, transmissão e socialização do conhecimento e da cultura, revela-se como um dos espaços em que as representações negativas sobre o negro são difundidas. E por isso mesmo ela também é um importante local onde estas podem ser superadas (GOMES, 2003, p. 77).

Araújo e Yoshida (2010) ressaltam que a pedagogia está presente e é essencial para o desenvolvimento social do ser humano em várias etapas e situações de vida, até mesmo no campo profissional. O pedagogo atua na formação profissional e pessoal de uma pessoa, em conjunto com a família e outros atores sociais, preparando pessoas capazes de compreender e colaborar para a melhoria da qualidade em que se desenvolve a educação na realidade brasileira, envolvidos e comprometidos com uma formação da ideia de transformação social.

Assim, a mudança de valores e pensamentos de uma sociedade voltada para valores mais específicos, como a cultura de seu povo, está intimamente ligada ao profissional de pedagogia. Deste modo, entender a prática pedagógica do profissional de pedagogia na sociedade atual requer a utilização da ideia de totalidade, trazendo-a para uma prática social em que todos sejam iguais, independentemente da cor ou da raça, do cabelo, da condição social entre outros.

Nas entrevistas com os acadêmicos negros de pedagogia, pude perceber que, em sua maioria, o curso tem colaborado com os acadêmicos na sua produção de identidade negra, na

desconstrução de estereótipos e ressignificação de visões hegemônicas, inspirando novos ideais, além de contribuir para a formação de novos educadores, enquanto que a sociedade acha que o negro tem de ter trabalho inferior, pois a cor não diferencia as pessoas.

O curso vem ajudando a ser uma pessoa melhor a enxergar isso com outro. Olhar e ensinar as crianças que aquilo não é certo. Ensinar elas que as pessoas se diferenciam pela cor, uma pessoa para outra, mas que não existe essa diferença de padrão da sociedade. Se o fulano é negro ele vai ser varredor de rua, se outro é branco vai ser médico, não todos nós somos e temos a oportunidade de ser uma pessoa melhor. Mostrando a lidar, aceitar a não ser preconceituosa com as outras pessoas de cores diferentes a ser uma pessoa melhor e ter orgulho de ser realmente como a gente é (ACADÊMICO A5, 11/04/18).

Na fala da acadêmica A5, verifica-se o quanto o curso tem contribuído com a sua formação universitária, promovendo estratégias que favoreçam as identidades/diferenças e o diálogo entre os indivíduos de diferentes grupos étnico-raciais. Também se observa que o curso tem uma preocupação em desconstruir a visão eurocêntrica de mundo e registrar o quanto a população negra é protagonista da sua história.

Nessa direção, os futuros pedagogos podem trabalhar com práticas pedagógicas que tensionem o espaço escolar, rompendo com ações de alienação da negritude, silenciamento da identidade e expropriação do corpo e do cabelo negro (GOMES, 2002; 2003).

Bom através dos estágios e nós podemos observar que não e só pessoas brancas que estão no meio e o branco com o negro eles podem ter um trabalho bem diferenciado independentemente da cor que as pessoas tem e sim o caráter e o serviço que elas produzem que não afetam em nada. O curso contribui bastante porquê e na faculdade nos vemos muito porque a questão do preconceito que não por conta da cor da pele ou pela classe social que pessoa vive que ela deve criticar a pessoa por ter a melanina mais forte e todos podem estar no mesmo conjunto tranquilo independentemente da cor (ACADÊMICO A6;12/04/18).

Para o acadêmico A11, além dos conteúdos do curso de pedagogia, a relação com o outro é um espaço de aprendizagem e de produção de identidade. Como pudemos observar em sua fala, na relação entre brancos e negros é possível criar um espaço onde a identidade negra marginalizada historicamente possa ser ressignificada.

Ao mesmo tempo, o acadêmico A11 menciona que a relação entre brancos e negros pode contribuir para a elaboração de um trabalho diferenciado no espaço escolar.

E eu vejo que a pedagogia ela me abriu assim muito os olhos para essa questão essa visão mesmo, de que antes de fazer faculdade eu imaginava que so poderia ser empregada doméstica. Eu so poderia ser baba eu não tinha outra visão, hoje não hoje eu vejo que tenho potencial hoje eu vejo que eu posso tudo e não é por que sou negra que não posso, eu posso depende de mim. E o hoje eu vejo que eu consigo aprender antes eu pensava que não era limitada aquilo dali, era so aquilo dali eu tinha muita vontade de fazer

pedagogia mais vinha as questões financeira que me impedia de fazer (ACADÊMICO A6;12/04/18).

Ahh pedagogia tem me ajudado muito na minha identidade negra por que eu tenho descoberto e tenho professores negros e e pessoas que me inspiram a crescer cada vez mais porque as pessoas, a sociedade em si pensa que o negro ele não pode ter um curso superior, ele não pode ter uma pos graduação, um mestrado, ele não pode ser um intelectual gabaritado e conceituado. E na faculdade hoje eu percebo e vejo e tenho professores que são exemplos para mim (ACADÊMICO A1;03/04/18).

A fala do acadêmico A1 evidencia o quanto a cultura do sujeito produz um lugar e associa diferença com inferioridade (HALL, 2003; BHABHA, 1998; BACKES, 2006; GOMES, 2002; 2017). No rastro dessa discussão, o mito da democracia racial é produzido, a inferioridade e a hierarquização da cultura negra acabam ocorrendo. Em outras palavras, Backes (2010) escreve que

A cultura hegemônica, por um lado, procura reafirmar a referência da branquidade e, por outro lado, subalternizar os sujeitos negros ou mantê-los no lugar de subalternos. Mas sempre há outras possibilidades: possibilidades de subverter, transgredir, rebelar-se, revoltar-se, instituindo outras posições de sujeito (p.143).

Por outro lado, a fala do acadêmico A1 revela que o ambiente universitário tem contribuído para mostrar que o acadêmico negro pode conquistar novos espaços além da graduação. De acordo com os dados do INEP/2017, o número de professores negros no Brasil que atuam no ensino superior (público e privado) é de 16%.

Ainda nas entrevistas identifiquei uma acadêmica negra, do curso de Pedagogia, que sente um certo desconforto com a sua cor e o seu cabelo. Não aceita, se incomoda com as reações e tensões que acontecem no ambiente em que circula, seja na escola, na faculdade ou em qualquer outro espaço social.

[...] em relação a ser negra acho que contribuiu sim, só essa questão que eu tenho medo por ser negra e ter o cabelo enrolado a voltar a falar da questão da escola particular da escola pública eu já não sei, não sei se a escola pública tem tanto critério assim mais pelo que vejo a escola particular. Eu mesmo tento curso de pedagogia sendo formada e tal acho que minha cor e meu cabelo vai pesar muito, muito mesmo (ACADÊMICO A2;05/04/18).

Dentro dessas respostas, a indagação de uma entrevistada muito me chamou a atenção, pois ao refletir sobre a construção da identidade negra, é sem dúvida relevante trabalhar com o conceito dinâmico de identidade. Assim, nota-se que essa identidade para alguns se refere a um contínuo sentimento de individualidade que se estabelece, pois o indivíduo se identifica reconhecendo sua própria estética, ou seja, seu cabelo (GOMES, 2007).

Para essa entrevistada, sua identidade resulta da percepção que ela tem dela mesma, pois a todo momento ela lembra que o cabelo dela é diferente das outras pessoas, pois ele é crespo; assim mesmo ela ressalta que o curso traz um tipo de socialização, como cito a seguir:

Olha boa pergunta, assim tem me ajudado em várias coisas eu não sei te responder. Ah tipo socialização, conversar responder essa entrevista agora se fosse um ano atrás eu não estaria aqui eu não iria aceitar por que eu tinha muita dificuldade em falar em público e tal. Eu tinha muito vergonha eu perdi que em relação isso, aceitação assim um pouco eu falo eu falo aceitação não em questão só da cor mais aceitação no sentido de ser professor que eu acho que professor ainda sofre muito preconceito por ser professor. Olha eu acho que ele contribui mas a pessoa em si ela tem de ter essa noção que ela e negra que ela pode que ela e capaz se ela e branca ou negra ou não se o cabelo dela e crespo se o cabelo dela e liso eu acho que a pessoa primeiro tem de se assumir se identificar para depois o curso para o curso contribuir mais porque não adianta a pessoa vir pra cá com a cabeça fechada aqui e um lugar onde vai abrir mentes a verdade costume falar que o curso de pedagogia e o lugar onde você vai onde todo mundo deveria fazer curso de pedagogia todo deveria fazer curso de administração não todo mundo deveria fazer curso de pedagogia porque nossa minha mente abriu demais em várias questões assim posso dizer pessoais no trabalho tudo em relação a ser mãe toda mãe deveria fazer o curso de pedagogia antes de ser mãe e um curso muito (ACADÊMICA A2, 05/04/18).

Continuando essa análise, alguns entrevistados elucidaram que a contribuição da pedagogia na sua produção de identidade negra vem abrindo as portas nessa profissão, além de estar ajudando-os a se autoafirmar como pessoas negras, mostrando aos alunos a questão de cor, podendo passar de forma correta o que acha certo e o que está errado sobre o preconceito quanto a ser negro.

[...] o curso de pedagogia vem me ajudando muito porque quero mostrar para meus alunos que essa questão de cor e só cor mesmo não tem nada a ver o que importa a gente está passando ensinando e não deixar nossa cultura morrer por que ela e muito importante. [...] me ajudando bastante não está evoluindo o curso achei que era um curso que me daria muito dificuldade né porque tem várias mulheres no curso e homens também só que são mais mulheres então achei que teria mais dificuldade nesse sentido muita pessoa já vem com esse preconceito já de casa já de berço pelos pais mais graças a deus tudo em paz tudo tranquilo. Sim me alto afirmo uma pessoa negra (ACADÊMICO A3, 10/04/18).

Ah tem me ajudado bastante ne eu devo passar aos alunos aquilo que eu acho errado, por exemplo como eu falo que eu não gosto da minha cor eu nunca devo passar isso para meu aluno né? Devo incentivá-lo né a não ter preconceito com o outro colega né eee por que na faculdade na escola e o que mais tem e preconceito ee as pessoas não sabem lutar por isso. Não. [...] Por que eles pensam que o negro não pode fazer uma faculdade, o negro não pode ser um advogado. Realmente o negro pode ser o que ele quiser né (ACADÊMICO A7, 16/04/18).

Através dos debates que tem dentro da sala de aula eu acho que os debates que temos em sala de aula as vivências de outros alunos também tipo nosso cotidiano que sempre estamos debatendo eu acho que isso ajuda a ter um novo olhar porque as pessoas porque a gente trabalha com ser humano da pedagogia com o próximo então a gente sabe trabalhar bem esse lado. Sim porque através dele possivelmente daqui uns anos for trabalhar fora em uma escola a gente estar habito para debater esses assuntos com os alunos que a gente possa pegar nas escolas saber que fazer uma educação (ACADÊMICO A10, 19/04/18)

Tem me ajudado muito não só assim na identidade negra, mas nos outros passos também com as disciplinas atividades proposta na sala. Sim sempre está trazendo não só do negro mas também do deficiente e outras coisas mais. Tranquilamente todo mundo fala sobre o assunto discorre sobre o assunto todo mundo muito tranquilo muito de boa. Sim só de estar aqui já e uma intervenção (ACADÊMICOS A12, 27/04/18).

Colocando-nos diante dos diversos espaços sociais em que o educativo acontece e nos convida a extrapolar os muros da escola e a ressignificar a prática educativa, a relação entre a identidade negra e o curso de pedagogia, nota-se que esse curso contribui para a produção da identidade negra, mesmo que para alguns fique parecendo não ser o curso de pedagogia em si, mas o fato de haver um curso. Pois, mesmo quando nos deparamos com diferenças de pensamento dos entrevistados sobre a sua identidade, todos vêem o curso como um desafio da mudança de valores, de lógicas e de representações sobre si e sobre o outro, principalmente sobre sua identidade.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este estudo, observa-se que a identidade é um conceito discutido e utilizado de diferentes formas em diversas ciências, sendo considerado algo complexo, que não é único, mas está em constante processo de transformação, resultando de um processo de representações e identificações que permite aos diferentes indivíduos apropriar-se de significados e posicionar-se nos discursos.

Pode-se dizer que a identidade e diferença são compreendidas como aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções. Assim, quando se fala em construção da identidade da população negra brasileira, pode-se dizer que ela é prejudicada pelo racismo e pelo silenciamento que estruturou e vem estruturando as relações étnico-raciais.

Deste modo, admitir a identidade negra é se posicionar como pertencente a esse grupo que lutou e vem lutando contra uma visão inferior conduzida por esta cultura, sendo marcada por conjuntos que potencializam a sua diferença, adquirindo sentido na linguagem social e nos sistemas simbólicos nos quais ela se constitui.

Assim, para compreender o processo de construção identitária é sem dúvida relevante entender que as diferenças raciais não nos constituem inteiramente, pois somos sempre diferentes, mas todos nós temos os mesmos direitos e assim devemos ter as mesmas oportunidades.

Ao buscar responder os objetivos da minha pesquisa, observo que esta mostra de identidades negras produzidas pelos acadêmicos de Pedagogia apresentou uma diversidade de informações sobre as produções das identidades negras nesse espaço da faculdade, como também fora dele. Ao nosso ver, isso faz com que, em muitos momentos, os acadêmicos negros do curso de Pedagogia acabem silenciando nas discussões que ocorrem nos grandes grupos e apenas se manifestam nas pequenas rodas de sala de aula e de amigos.

Ainda em relação à produção da identidade negra, observa-se a preocupação de que a raça, a cor da pele e os cabelos também entram em suas vidas, verificando um cuidado com a questão do cabelo, uma preocupação no que se refere à aceitação e ao significado de ser

bonito. Sendo assim, pode-se dizer que essa identidade é marcada por categorias que potencializam a sua diferença, adquirindo sentido na linguagem social e nos sistemas simbólicos nos quais é representada, pois dentro do processo de construção identitária é importante perceber as diferenças raciais, pois somos sempre diferentes, mesmo que essas pessoas sejam respeitadas e aceitas pelos outros no momento em que afirmam sua identidade negra; mas, infelizmente, é possível perceber o quanto a identidade e a diferença estão numa relação de dependência.

Sobre os episódios de preconceito contra a identidade negra, nota-se que a maioria já sofreu preconceito por ser negra, e esse preconceito é vivenciado desde a infância e permanece até a vida adulta, pois os episódios narrados pelas acadêmicas negras de “querer se pintar enquanto criança” e de “não gostar da sua cor”, nos mostram o quanto essas meninas negras tinham vontade de estar no lugar do Outro. E esse preconceito e a discriminação não ficaram somente no espaço escolar durante o processo de escolarização, são vistos também em relação ao trabalho, verificando-se a desigualdade ao acesso ao mercado de trabalho e à distribuição de renda, mesmo tendo aumentado; mas isso não significa que as distorções tenham desaparecido; ao contrário, as desigualdades vêm se acentuando na continuidade da carreira, em função, sobretudo, do nível de escolaridade e do racismo.

Em relação à contribuição do curso de Pedagogia para a identidade negra, pode-se perceber que em sua maioria, o curso tem colaborado com os acadêmicos na sua produção de identidade negra, na desconstrução de estereótipos e ressignificação de visões hegemônicas, inspirados novos ideais, além de contribuir para a formação de novos educadores; além disso, o curso tem contribuído com a formação universitária, promovendo estratégias que favoreçam as identidades/diferenças e o diálogo entre os indivíduos de diferentes grupos étnico-raciais. Esse curso tem a preocupação de desconstruir a visão eurocêntrica de mundo e registrar o quanto a população negra é protagonista da sua história.

Como foi demonstrado ao longo da dissertação, os estereótipos ainda se fazem presentes e interferem na formação da identidade do negro. Mesmo assim, é possível uma ressignificação pedagógica, no que se refere à construção da identidade do acadêmico negro por meio do curso de pedagogia.

Assim, o que se pode ver é que a identidade dos acadêmicos de pedagogia está em processo de construção, o que, no caso de nossos entrevistados, vem se dando em momentos diferenciados.

Pode-se afirmar que a relevância da temática é inquestionável, porque sempre me vejo entrelaçado com os relatos das demais participantes, me colocando diante de questões

nas quais não costumo pensar com tanta profundidade, pois, na maioria das vezes, sempre ouvimos relatos de preconceito contra a pessoa negra, mas nunca imaginamos que seja assim tão grave. Essa experiência no mestrado me mostrou que é muito mais que isso, pois são questões reais, marcantes e cotidianas e que é nosso dever, como cidadão e como educador, tentar reverter esse conceito, uma vez que todos somos iguais e devemos ter oportunidades iguais, independentemente da cor ou da raça. É necessário que nossas ações sejam conscientes e que não sejamos meros reprodutores alienados, mas com capacidade de verificar qual imagem queremos deixar perante a sociedade, e, principalmente perante os nossos alunos, contribuindo para que essa sociedade possa ser justa e democrática, fazendo com que todos os cidadãos possam ter seus direitos garantidos e respeitados.

Em síntese, este estudo possibilitou-me conhecer as identidades e diferenças dos acadêmicos de pedagogia, percebendo seu ponto de vista da identidade étnico-racial, pois esses requisitos se constituem como outro campo investigativo. Assim, espero ter ajudado a instigar futuros debates e estudos, preocupados em desconstruir o mito da democracia racial, combater a normalidade repressora, pois tanto as identidades quanto as diferenças constituem posturas e ideias de nação que não podem tornar invisíveis os cidadãos de nenhuma raça.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. B.; LIMA, M. G. Formação inicial de professores e o curso de pedagogia: reflexões sobre a formação matemática. **Ciência & Educação**, v. 18, n. 2, p. 451-468, 2012.

ARAÚJO, P. L.; YOSHIDA, S. M. P. F. **Professor**: Desafios da prática pedagógica na atualidade. 2010. Disponível em: <http://www.ice.edu.br/TNX/storage/webdisco/2009/11/03/outros/608f3503025bdeb70200a86b2b89185a.pdf>. Acesso em 20 de outubro de 2018.

BACKES, J. L. Articulando raça e classe: efeitos para a construção da identidade afrodescendente. **Revista Educação e Sociedade**, nº.95, vol. 27, p. 429-443, maio/agosto de 2006.

BAUMAN, Z. **O Mal-estar da Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira” e dá outras providências. Brasília. 2003.

BRASIL. Lei n. 11.645/2008. **Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena"**. Brasília. 2008.

BRASIL. IBGE. **Censo. 2018**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 10 de março de 2018.

BUJES, M. I. E. Descaminhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 11-33

CAMPOS, O. **Rio Verde histórico**. Goiânia: Edigraf, 1971.

CAPELLA, J. R. Globalização, o desvanecimento da cidadania. In (Orgs) BURBULES, N. C.; TORRES, C. A. **Globalização e educação: perspectivas críticas**. Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 153-168.

CARVALHO, W. **Frases de Nelson Mandela**. 2011. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br>. Acesso em: 12 de outubro de 2018.

CHEMIM, M. S. A. O negro no espaço escolar. IN. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor – PDE**. Cadernos de Artigos. Curitiba-PR, 2013.

COSTA, V. R. **Identidade racial docente: trajetórias e desafios percorridos.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FAGED. 12 1 14 de junho de 2017.

COSTA, M. V. Poder, discurso e política cultural: contribuições dos Estudos Culturais ao campo do currículo. In: LOPES, A. C.; MACEDO, E. (orgs.). **Currículo: 121 debates contemporâneos.** São Paulo: Cortez, 2002.

DEXTER, M.; BROWN, M.; FUNÇÃO, D. Intérprete: Dexter; Mano Brown; Função. Eu sou função. In: BROWN Mano; DEXTER; FUNÇÃO. **Exilado sim, preso não!** [S.l: S.n.], 2006

DOMINGUES, P. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Revista Tempos**, Niterói-RJ, v. 12, n.23, 2007, p. 100-122.

FERNANDES, V.; SOUZA, M. C. (2016). **Identidade Negra entre exclusão e liberdade.** **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, v.63, n. 14, p.103-120. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i63p103->. Acesso em 23 agosto 2018.

FERREIRA, R. M. Transporte urbano de passageiros: O caso do município de Rio Verde/GO. 2010. 139f. **Tese** (Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC, São Paulo – SP, 2010.

FLEURI, R. M. Apresentação: Educação Intercultural: decolonializar o poder e o saber, o ser e o viver. **Visão Global**, Joaçaba, v. 15, p. 7-22, 2012.

\_\_\_\_\_. Políticas da diferença: para além dos estereótipos na prática educacional. **Revista Educação e Sociedade**, nº. 95, vol. 27, p. 495-520, maio/agosto de 2006.

FRANCO, N. H. R. Imagens no espelho: percepção de adolescentes negros sobre o seu pertencimento étnico-racial. In: Colóquio Internacional Educação E Contemporaneidade, 6., 2012. São Cristóvão, SE. **Anais...** São Cristóvão, SE, [S.n.], 2012, p. 1-15.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GOMES, N. L; SILVA, P. B. C. Construção da identidade no processo educacional: um estudo da auto-representação dos alunos negros no universo da escola pública. **Dissertação** (Mestrado). FAE/UFMG – Universidade . 2002Belo Horizonte, 2002.

GOMES, N. L. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão.** 2017. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>. Acesso em 20 de janeiro de 2019.

\_\_\_\_\_. Movimento Negro e educação: ressignificando e politizando a raça. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 33, n. 120, p. 727-744, jul.-set. 2012.

\_\_\_\_\_. Diversidade étnico-racial e Educação no contexto brasileiro: algumas reflexões. In: GOMES, N. L. (org.) **Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais.** Belo Horizonte/MG, Ed. Autêntica, 2010.

\_\_\_\_\_. Diversidade cultural, currículo e questão racial: desafios para a prática pedagógica. In: ABRAMOWICZ, Anete; BARBOSA, Lucia Maria de Assunção; SILVÉRIO, Valter Roberto (Orgs.). **Educação como prática da diferença**. Campinas: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2006.

\_\_\_\_\_. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? **Revista Brasileira de Educação**, [s.l.], n. 21 Set/Out/Nov/Dez. 2002.

GONÇALVES, L. S.; AZEVEDO, H. H. O. **O curso de pedagogia e o processo de construção da identidade do pedagogo**. 2008. Disponível em: <http://33reuniaio.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT08-6416--Int.pdf>. Acesso em 20 de novembro de 2018.

GUIMARÃES, A. S. A. **Preconceito racial: modos, temas e tempos**. São Paulo: Cortez, 2008.

GUIMARÃES, G. M. A. Agronegócio, desenvolvimento e sustentabilidade: um estudo de caso em Rio Verde/GO. 147f. **Tese** (Doutorado em Ciências Ambientais). Universidade Federal de Goiás – UFG, 2010.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 103-133.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese dos Indicadores Sociais: um em cada quatro jovens do país não estava ocupado nem estudava**. Educação - Resultados da Amostra. 2015. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo/educacao/bras\\_tab\\_112.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo/educacao/bras_tab_112.pdf)>. Acesso em: 29 de dezembro de 2018.

KAERCHER, G. E. P. S. Pedagogias da racialização ou dos modos como se aprende a “ter” raça e/ou cor. In: BUJES, Maria Isabel Edelweiss; BONIN, Iara Tatiana (Orgs.). **Pedagogias sem fronteiras**. Canoas: Ed. ULBRA, 2005.

KLEIN, C.; DAMICO, J. G. S. O uso da etnografia pós-moderna para análise de políticas públicas de inclusão social. In: PARAÍSO, M. A.; MEYER, D. Esterman (Org.). **Metodologias pós-críticas de pesquisas em Educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. v. 1, p. 51-72.

LANDER, E. Ciências sociales: saberes coloniales y eurocéntricos. In: LANDER, E. (Org.). **Colonialidad del saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005, p.11-40.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia: Editora Alternativa, 2001.

LIMA, M. B. Identidade étnico/racial no Brasil: uma reflexão teórico-metodológica. **Revista Fórum Identidades**. Ano 2, volume 3, p. 33 - 46, janeiro – junho de 2008.

MACHADO, E. M. O pedagogo, o curso e o mercado de trabalho, na percepção de egressos da UFPR. **Revista Educação**. Curitiba, n. 5, Jan./Dec. 1986.

MARQUES, E. P. Inter/multiculturalidade e formação continuada de educadores: o protagonismo do movimento social negro por uma Pedagogia Decolonial. **Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB**. Campo Grande, MS, n. 37, p. 121-139, jan./jun. 2014.

MIRANDA, R. T. **Bandeirante Anhanguera**. 2010. Disponível em: <https://alunosonline.uol.com.br/historia-do-brasil/anhanguera-bandeirante.html>. Acesso em 22 de novembro de 2018.

MIZAE, N. C. O.; GONÇALVES, L. R. D. Construção da identidade negra na sala de aula: passando por bruxa negra e de preto fudido a pretinho no poder. **Itinerarius: Revista Eletrônica da Pós graduação em Educação**. UFG – Regional em Jataí-GO., v.11, n. 2, 2015.

MUNANGA, K. **Ética e Identidade**. Brasília, 2016.

NASCIMENTO, E. L. **O Sortilégio da cor: Identidade, raça e gênero no Brasil**. São Paulo: Summus, 2003.

PASSOS, H. S. Zoneamento urbano de Rio Verde: uma proposta para ordenamento do uso do solo. **Dissertação**. (Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional). Universidade Alves Faria – ALFA. Goiânia – GO, 2010.

PEREIRA, J. A. Identidade negra e atitude. In: GOMES, N. L.; MARTINS, A. A. (Orgs.). **Afirmando direitos: acesso e permanência de jovens negros na universidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 227-230.

PINSKY, J. Nação e ensino de História no Brasil. In: PINSKY, J. (Org.). **O ensino de história e a criação do fato**. São Paulo: Contexto, 1988.

PORTO-GONÇALVES, C. W.; QUENTAL, P. A. Colonialidade do poder e os desafios da integração regional na América Latina. **Revista Polis**, n. 31, p. 1-28, 2012.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. **Faculdade Almeida Rodrigues**, 2017. Disponível em: <https://www.google.com/search?ei=TYpmXPjhL4HA5OUPjo-HoA0&q=projeto+politico+pedag%C3%B3gico+da+faculdade+almeida+rodrigues>. Acesso em 20 de outubro de 2018.

QUEIROZ, H. A.; ALVARENGA, J. B. S.; MORAES-FILHO, I. M.; FIDELIS, A.; ARAÚJO, L. M.; ARAÚJO, L. M. O reconhecimento da identidade racial na educação infantil. **Rev. Cient. Sena Aires**. v. 7, n. 1, p. 66-75. 2018.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro, 2005.

RAUBER, P. Práticas pedagógicas voltadas para as identidades/diferenças e sua articulação com os processos formativos: um estudo com professores egressos do curso de pedagogia da UEMS/Dourados. 2017. 234 f. **Tese** (doutorado em educação) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2017.

REVISTA FORUM. 08 De Fevereiro De 2012. **Rio Verde, cidade perigosa para jovens negros**. Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/rio-verde-cidade-perigosa-para-jovens-negros/>. Acesso 14 de outubro de 2018.

REZENDE, G. B. M.; CÂNDIDO, G. A. Participação democrática e o Conselho da Cidade: Contribuições para o desenvolvimento local em Rio Verde – GO. **Espacios**, v. 37, n. 12, p. 14, 2016.

RIO VERDE. **Plano Diretor**. Lei Municipal no. 5.318 de 06 de setembro de 2007. Rio Verde: Câmara Municipal, 2007.

RODRIGUES, A. A. **Faculdade Almeida Rodrigues: História e vida**. Revista Científica. Ano VI, edição: VI, Janeiro de 2018.

RODRIGUES, Y. Goiás: um Estado com fortíssima influência das expressões culturais negras. **Jornal Opção**. Edição, 2010. Goiânia, 2015.

SANTANA, R. O. Efeitos da educação superior nas identidades dos negros cotistas da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 2010. 125 p. **Dissertação** (Mestrado) Universidade Católica Dom Bosco.

SCHEIBE, L.; AGUIAR, M. Â. Formação de profissionais da educação no Brasil: O curso de pedagogia em questão. In: **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 20, no 68, dez. 1999. p. 220-238.

SEIXAS, W. **Valec constrói polo de carga no Sudoeste de Goiás**. 27 de dezembro de 2017. Disponível em: <http://www.dm.com.br/economia/2017/12/valec-construi-polo-de-carga-no-sudoeste-de-goias.html>. Acesso em 15 de novembro de 2018.

SEPLAN. Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento do Estado de Goiás. **Ranking dos Municípios Goianos**: 2014. Goiânia: SEPLAN, 2014.

SILVA, J. B. M. **A escola: Espaço educativo**. 2015. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/idiomas/a-escola-espaco-educativo/59859>. Acesso em 19 de outubro de 2018.

SILVA, C. M. Professoras negras: construindo identidades e práticas de enfrentamento do racismo no espaço escolar. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

SILVA, P. B. G. **Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil**. Educação. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 489-506, set./dez. 2002.

SILVA, Z. P. **Rio Verde: pioneira e progressista: decolagem para o desenvolvimento**. Goiânia: Kelps, 2004.

\_\_\_\_\_. **Rio Verde: relato histórico**. Rio Verde/GO: IAM Gráfica e Editora, 1998.

SILVA, A. S. O curso de pedagogia e a formação para a educação infantil. **Pro-Posições**. v. 16. n. 2, p. 47, maio/ago. 2005.

SILVA, J. B. A.; RIBEIRO, A. **As/Os docentes de história da escolarização básica e a (Des/Re) Construção das identidades negras**. Campo Grande. 2013. Disponível em: <<https://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/11099-jose-bonifacio-alves-da-silva.pdf>>. Acessado em: 30 de Mai. 2018.

SILVA, P. B. G. **Quebrando o silêncio: resistência de professores negros ao racismo**. São Paulo: UNESP, 2000. (Seminários e Debates) UNESCO. The race concept: results of an inquiry. Paris: UNESCO,

SOUZA, J. P. A importância da família no processo de desenvolvimento da aprendizagem da criança. **Artigo** (Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional). Universidade Estadual Vale do Acaraú. Fortaleza – 2012.

TOLEDO, C. Ser aluna/o... (des)construindo identidades e diferenças. **Dissertação** (Mestre em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora – MG, 2008.

VALENTIN, S.; PINHO, V.; GOMES, N. L. (org.) **Relações étnico-raciais, educação e produção do conhecimento: 10 anos do GT 21 da Anped**. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.

VEIGA-NETO, A. Olhares... In: COSTA, M. V. (Org.). **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2007.

VIEIRA, C. M. N. A criança indígena no espaço escolar de Campo Grande/MS: identidade e diferença. 2015. **Tese** (Doutorado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande/MS. 2015.

WALSH, C. Interculturalidade, crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, reexistir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010. p. 12-43.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 7-72.

## **ANEXO**

## QUESTIONÁRIO

Alexsandro Silva Mateus pesquisador da UCDB Mestrado com o tema da dissertação: **O QUE DIZEM OS ACADÊMICOS NEGROS NO CURSO DE PEDAGOGIA SOBRE SUAS IDENTIDADES E DIFERENÇAS: um estudo em uma faculdade de Rio Verde Goiás/GO**

Você é negra?

Por que?

Conte para mim um pouco da sua história de vida. Por que resolveu cursar Pedagogia?

Quando você manifesta sua identidade negra na faculdade? Como você se manifesta?

Como você se sentiu quando olharam para você?

Quando você manifesta sua identidade negra você sofre preconceito ou discriminação?

Como acontece isso?

E de que forma você lidava ou lida com essa situação?

Tem alguma coisa que leva você a não gostar de sua cor?

Você já sofreu racismo? Já sofreu racismo na faculdade?

Como o curso de pedagogia tem ajudado você na sua identidade negra?

A faculdade vem preparando você para isso?

O curso contribuiu para sua identidade negra?

E quando há uma conversa que fala sobre o negro dentro da sala de aula do branco e do índio, como você reage?